N.º 47 ★ 22-11-51
CR$ 3,00 EM
TODO O BRASIL

A CENA muda

CINEMA ★ RÁDIO ★ MÚSICA ★ REPORTAGENS ★ VARIEDADES

NESTE
NÚMERO:

REPORTAGENS DE CINEMA

★

REPORTAGENS DE RÁDIO

★

ENREDOS DE FILMES

★

CASOS SENTIMENTAIS

★

HORÓSCOPO

★

HUMORISMO

★

CINEMA NACIONAL

★

MÚSICA

★

TELEVISÃO

★

BIOGRAFIAS DE ASTROS

★

CURIOSIDADES



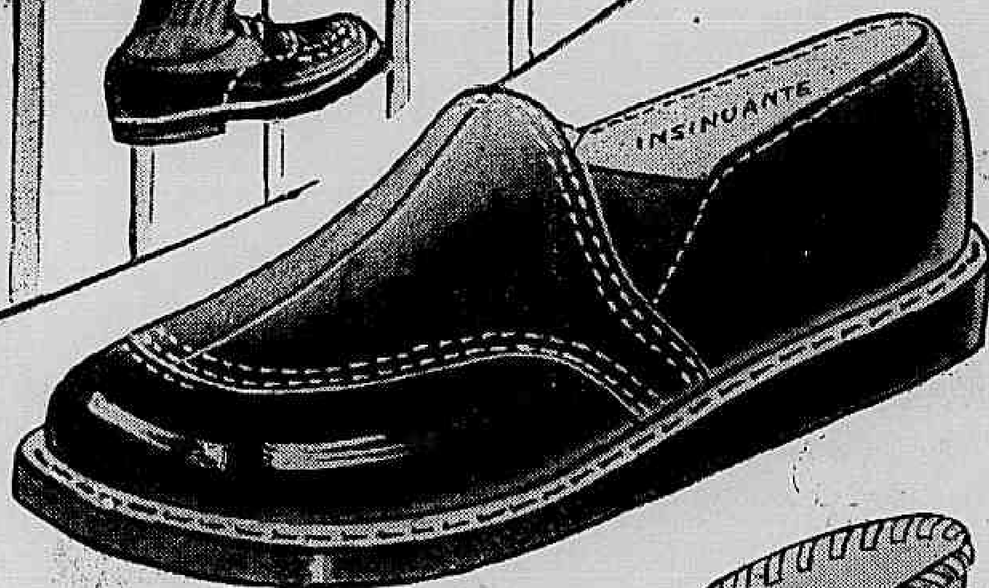
BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

Sapatos que seus filhos adoram!

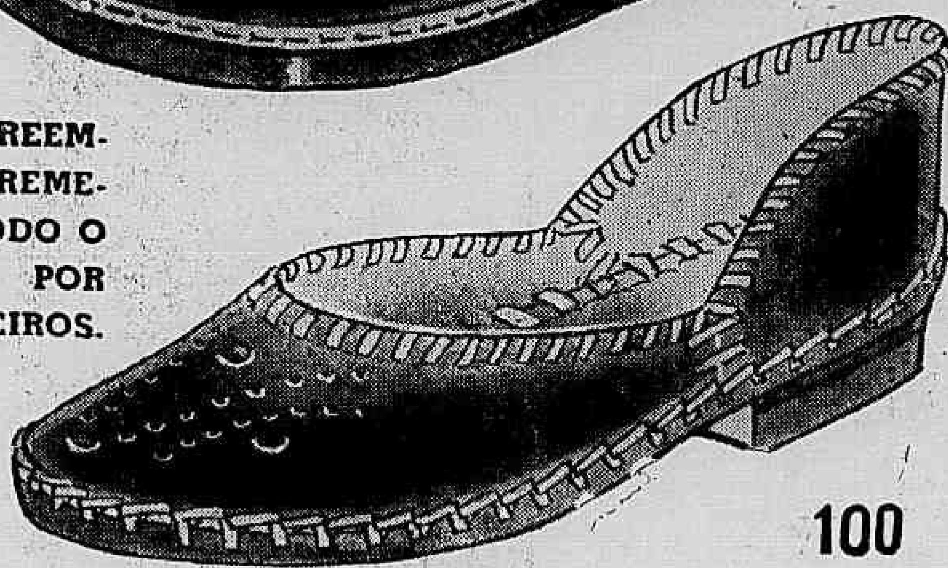
Insinuante
UMA GALERIA Á SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA AS SUAS ORDENS.







NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS.



098 — Cr$ 98,00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27.

099 — Cr$ 75,00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00 «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

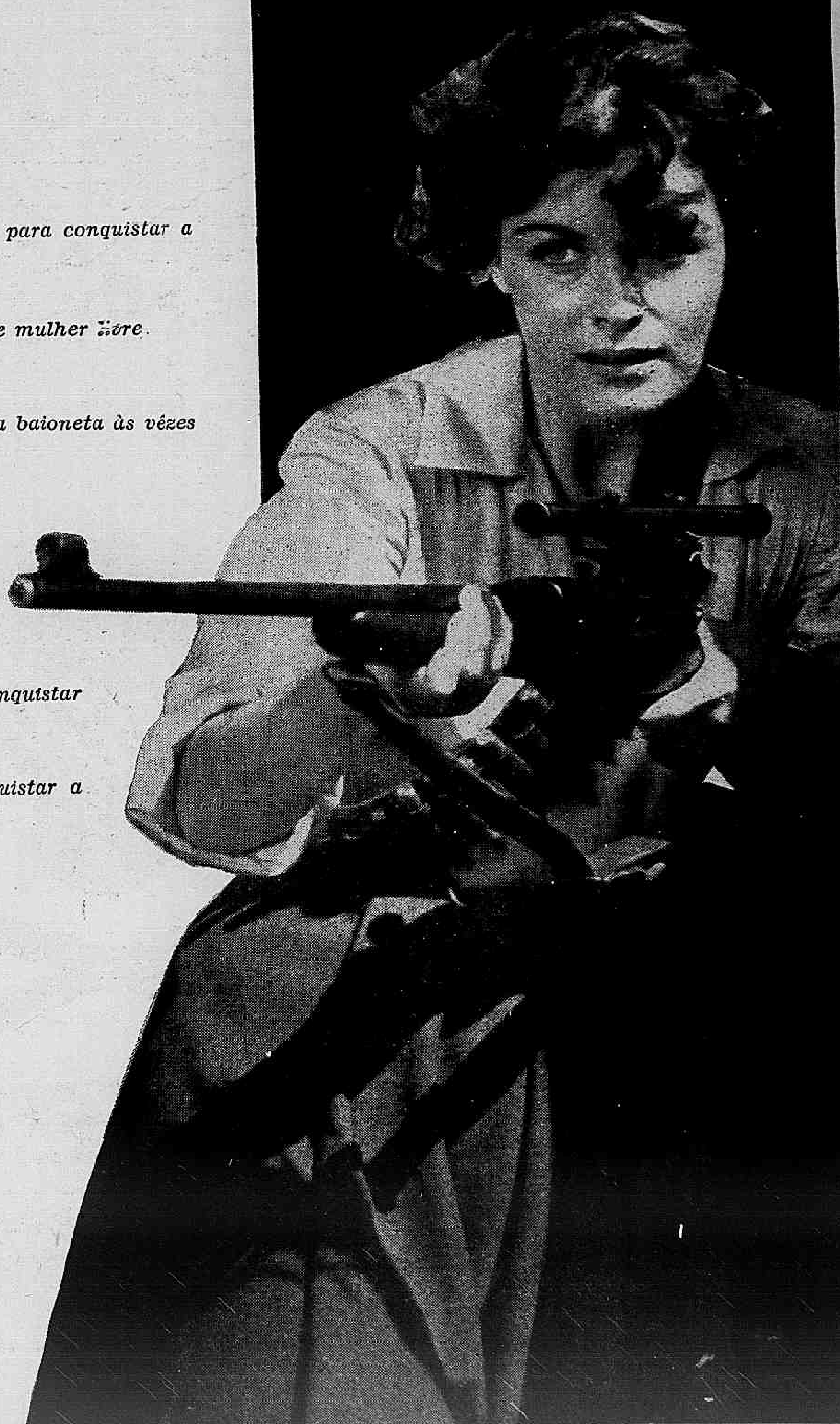
insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46·48 — SETE de SETEMBRO, 199·201

PARADOXOS CINEMATOGRAFICOS

AO RAJAR DE UMA METRALHADORA



A metralhadora é um meio de segurança; a mulher é uma segurança do meio.

★

Um homem segura uma metralhadora; uma mulher segura um homem.

★

A metralhadora às vêzes falha; a mulher nunca.

★

A metralhadora dispara; para a mulher se diz: para!

★

Um "astro" submete-se a fazer o papel de prisioneiro para conquistar a liberdade.

★

Uma estrêla se prende ao cinema para fazer o papel de mulher livre.

★

A diferença entre uma mulher e uma baioneta é que a baioneta às vêzes é calada.

★

Os filmes sôbre a Paz ainda acabarão provocando uma guerra.

★

Há filmes sôbre a Paz que são verdadeiros "tiros".

★

No cinema americano, a guerra é um motivo de se conquistar a paz.

★

No cinema francês, a paz é um motivo de se conquistar a guerra.

★

No cinema italiano, a vida começa depois da morte.

★

No cinema alemão, a guerra mata o cinema.

★

No cinema inglês, o cinema mata a guerra.

★

No cinema mexicano, a morte é um meio de vida.

★

E o cinema nacional é de matar.

leon eliachar

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

N.º 47 ★ 22-11-51

Sumário

Ao rajar de uma metralhadora (Leon Eliachar) 3
Vendo a Caveira (Frankie) 4
Falta de Argumentistas (Alberto Conrado) 5
Um pouco do cinema italiano (Gino Toscano) 8
Um gaúcho descobre o Rio (Armando Migueis) 10
Peter Lawford 12
Gershin e o cinema (Jean Delmar) 14
Fleshes Mundiais 16
Rainha da Primavera 18
O que ouvimos no Rádio (A.C.) 20
Os que vivem por um fio 21
O dia que a terra parou (cine-romance) 25
Problemas humanos (Dr. Luís Fraga) 28
Lena Horne (close-up) 30
Melodias para você 31
O que vimos na tela (L.E.) 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34
No ar (Íris Alomai) 34

★

CAPA:
JANIS CARTER
(Columbia)

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro Brasil. Telefones: — Secretaria 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602 Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números) Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º Distrito, Lisboa, Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos. Caixa Postal 434 Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente 1746 Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa» Florida 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente. Venda e Publicidade em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 169
Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

DE visita ao Rio, para ultimar o serviço de laboratório de sua fita "Meu Destino é Pecar", Manoel Peluffo visitou a Flama. Durante as filmagens de "Tudo Azul", o diretor mexicano declarou: "Luís Delfino é um dos comediantes mais versáteis a que assisti no Brasil".

★

NO Bar "Beija Flor" de Procópio Ferreira, Luís Delfino declara em uma roda de amigos: "Manoel Peluffo é o Lulu de Barros do cinema mexicano".

★

CONSTA que o sr. Severiano Ribeiro vai comprar os cinemas do capitão Vital Ramos de Castro, tornando-se assim o dono absoluto da exibição no Rio. Parece mesmo que o sr. Ribeiro, depois de arrendar o Azteca e outros cinemas, resolveu negociar com cinemas e não com filmes.

★

UMA nova estrêla, vinda do Norte, da companhia de Raul Roulien, virá, provàvelmente, estrelar "Coquetel de Brotos". Trata-se de Valéria Amar. Dizem que Marly Sorel, Dinah Mezzomo e Mary Gonçalves, as candidatas ao papel, lhe oferecerão um coquetel de boas vindas. Sem veneno. O coquetel, digo.



Esta é uma seção de "venenos". O cronista não se responsabiliza pelas notícias recebidas. As pessoas atingidas podem nos esclarecer a respeito. As contestações serão publicadas, a bem da verdade. E, por favor, não troquem de mal comigo...

FRANKIE

FRANCO Zampari, dono da Vera Cruz, comprou passagem de ida e volta para os Estados Unidos, não conseguindo visto para permanecer no país. Será que os americanos ficaram com medo, pensando que êle iria arranjar mais fundos para o seu "Tico-Tico no Fubá"?

★

TIREM o Oscarito das mãos de Walter Pinto e êle será um átor morto — palavras de Procópio Ferreira, depois de tomar dois uisques.

★

E com muito menos bebida, Antônio Mestre declarou, sem acompanhamento de sua sanfona: "Oscarito é cômico, mas não é ator".

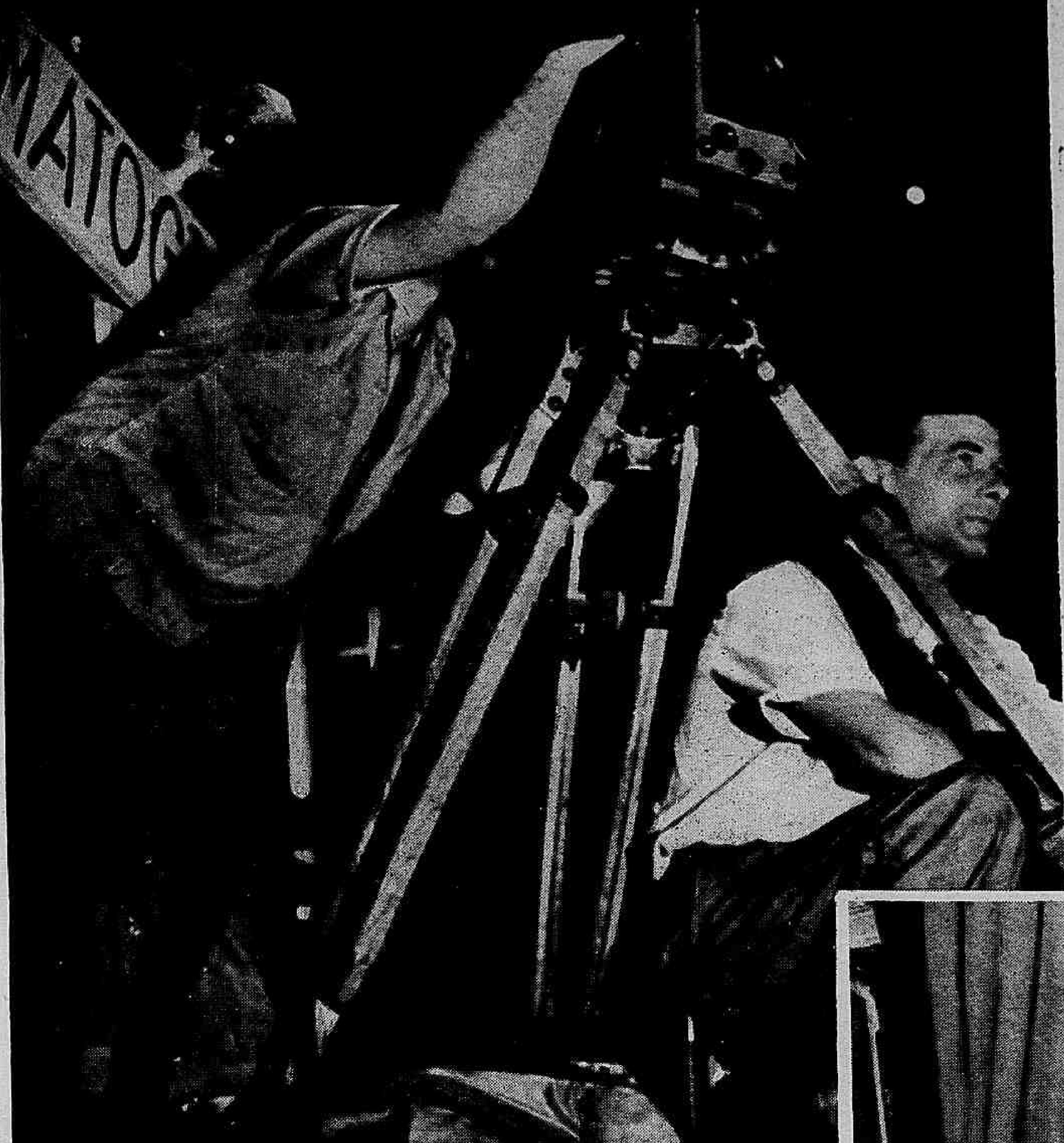
★

A propósito, bem a propósito, Colé disse: "José Mauro é um conversa fiada. Embroma todo mundo; até a mim".

★

E tomem nota desta frase, leitores curiosos: "Quem vai fazer cinema no Brasil será o sr. Luís Severiano Ribeiro" — declarou o comentarista Celestino Silveira. Voltaremos daqui a 10 anos.

RADIOGRAFIA DO CINEMA BRASILEIRO (2)



A FALTA DE ARGUMENTISTAS

O "DIFÍCIL CASO" DOS ARGUMENTOS DOS NOSSOS FILMES ★ O PROBLEMA NÃO É NOVO PORÉM SUA IMPORTÂNCIA CONTINUA SENDO DECISIVA ★ E FOI AÍ ONDE FALHOU "CAIÇARA", QUE, COM UM TEMA DE INTERÊSSE E CINEMATOGRÁFICO, BEM PODERIA TER SIDO UM EXCELENTE FILME ★ JORGE AMADO E O VISCONDE DE TAUNAY SACRIFICADOS PELOS ADAPTADORES ★ A FALTA DE PERSONALIDADE.

De ALBERTO CONRADO

CERTAMENTE que o problema não é novo, porém sua importância continua sendo decisiva. Por que padece a cinematografia nacional da ausência definida de uma temática brasileira? Tenta-nos voltar ao assunto neste momento em que tanto se ventila a criação do Instituto Nacional de Cinema, idéia do sr. Alberto Cavalcanti que, até ao momento, se nos assemelha a um jogador de futebol que treina, treina, mas não chega a entrar no campo para jogar. Devemos tecer elogios ao filme "Caminhos do Sul", de Fernando de Barros, modesto em sua realização, deficiente em recursos técnicos, mas de mérito pela sua ambição argumental. Existia ali, por certo, o anseio de fazer alguma coisa nossa, de enfocar problemas e esperanças da gente do Rio Grande do Sul. Que se tenha fugido a propósito tão interessante é outro ângulo, do qual não vamos falar.

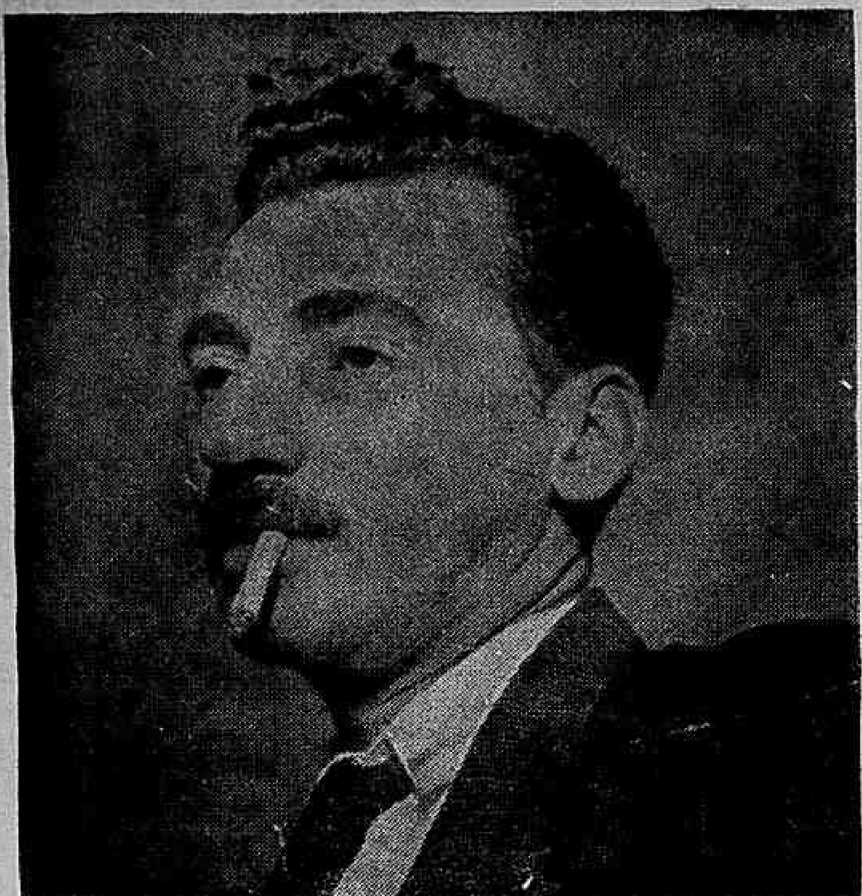
Interessa-nos destacar duas coisas: a evidência de que o tema nacional não tem por que estar ausente do cinema indígena e a responsabilidade das emprêsas, que possuem a seu favor todos os recursos técnicos, por não tomar com resolução a senda de um cinema brasileiro com sabor brasileiro. Naturalmente, não se pode esquecer que "Inconfidência Mineira", "Caiçara", "Terra é sempre Terra", procuraram mostrar o autóctono, o que perdura no ontem e no hoje de nossa realidade. Omitamos aqui os lógicos reparos pela fórma com que alguns dêsses temas foram tratados e vejamos o que nos fica. Apenas uma ridícula percentagem num total de filmes que nos dizem, quanto ao seu tema, absolutamente nada.

RETIFICAR O RUMO

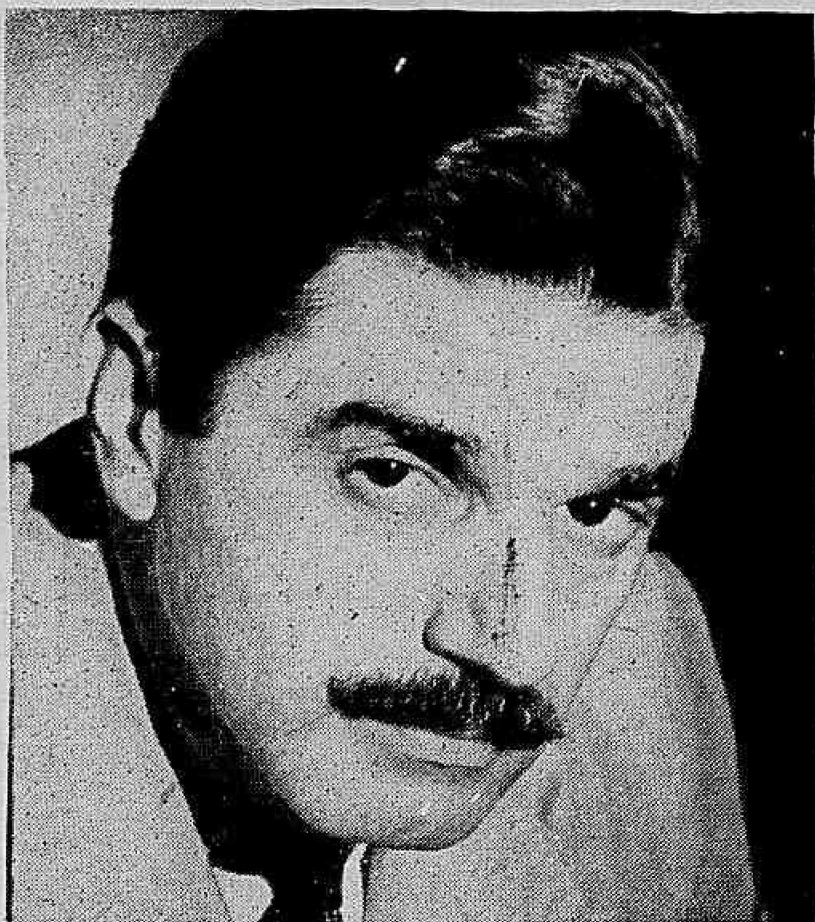
Em tal sentido, 1951 tem sido tão decepcionante quanto os anos anteriores. O argumento brasileiro no cinema na-



PEDRO BLOCH
Infeliz no cinema.



JORGE AMADO
«Terra violenta» foi vítima dos adaptadores.



ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA
«Terra é sempre terra» foi um tema sem interêsse



HENRIQUE PONGETTI
Seus argumentos nada provaram de cinema

cional continua sendo um "caso difícil". E como isso não está alheio às crises e à asfixia de que está ameaçado neste momento, acreditamos ser necessário encará-lo de frente. Isto nos obriga, como primeiro reconhecimento, a admitir que sòmente não avançamos senão que retrocedemos em relação àqueles anos iniciais, nos quais a técnica local não estava tão apurada, mas de seus estúdios saíam filmes com expressões de uma diferente inquietude com respeito ao tema dos filmes nacionais.

Deixemos deliberadamente de lado a valorização artística — apesar de que muito poucas das apressadas e frias produções locais de hoje resistam vantajosamente a uma comparação — e reconheçamos que existia, naquele tempo, um maior afã por focalizar elementos que, na cidade e no campo, dão fisionomia própria ao país brasileiro. Agora tem-se preferido — e os resultados econômicos dizem que poucas vêzes afortunadamente — assegurar um grosso negócio adaptando, ou melhor, deturpando desastradamente obras (sabemos que o cinema exige o sacrifício de uma obra literária para resultar em bom *cinema,* o que não acontece aqui) que em algum tempo foram um sucesso. E isso tem gerado o atual ecleticismo — de alguma forma há que denominá-lo — da produção local, cujo sintoma mais lamentável é a fraude à realidade e a subestimação do gôsto do público por parte daqueles que julgam que o mau popular, por exemplo, pode definir, de alguma forma, o nosso. Entendemos que se impõe retificar o rumo em homenagem ao que todos nós queremos: um cinema brasileiro vitalizado com um definido acento humano e a espiritual vibração do nosso povo. Porém, entenda-se bem; o nacional que postulamos é o autêntico, o que faz a multifacética realidade brasileira nos seus campos, nas suas cidades, nos seus problemas e suas realizações, no trabalho de seus homens nativos e a contribuição imigratória que, pelo seu particular acento próprio, define também sua universalidade acessível a todos os públicos de todo o mundo.

À PROCURA DO PERDURÁVEL

Não é exagerada pretensão dos que querem um cinema brasileiro com sua própria personalidade. Que seja expressão do permanente no país, a fim de que tenha no concêrto cinematográfico sul-americano uma subsistência definida. Finalmente, isto é uma emprêsa que todos os países tiveram que encarar em seu devido tempo. Pelo que temos realizado vemos a urgente necessidade de fazer um cinema brasileiro, essencialmente brasileiro, coisa que até hoje não possuímos. Será que não existem possibilidades? Será que não existe nada no passado e no presente que nos defina? Nada no trabalho e nas lutas sociais de nossa gente que seja expressão de nossa realidade? A resposta é óbvia.

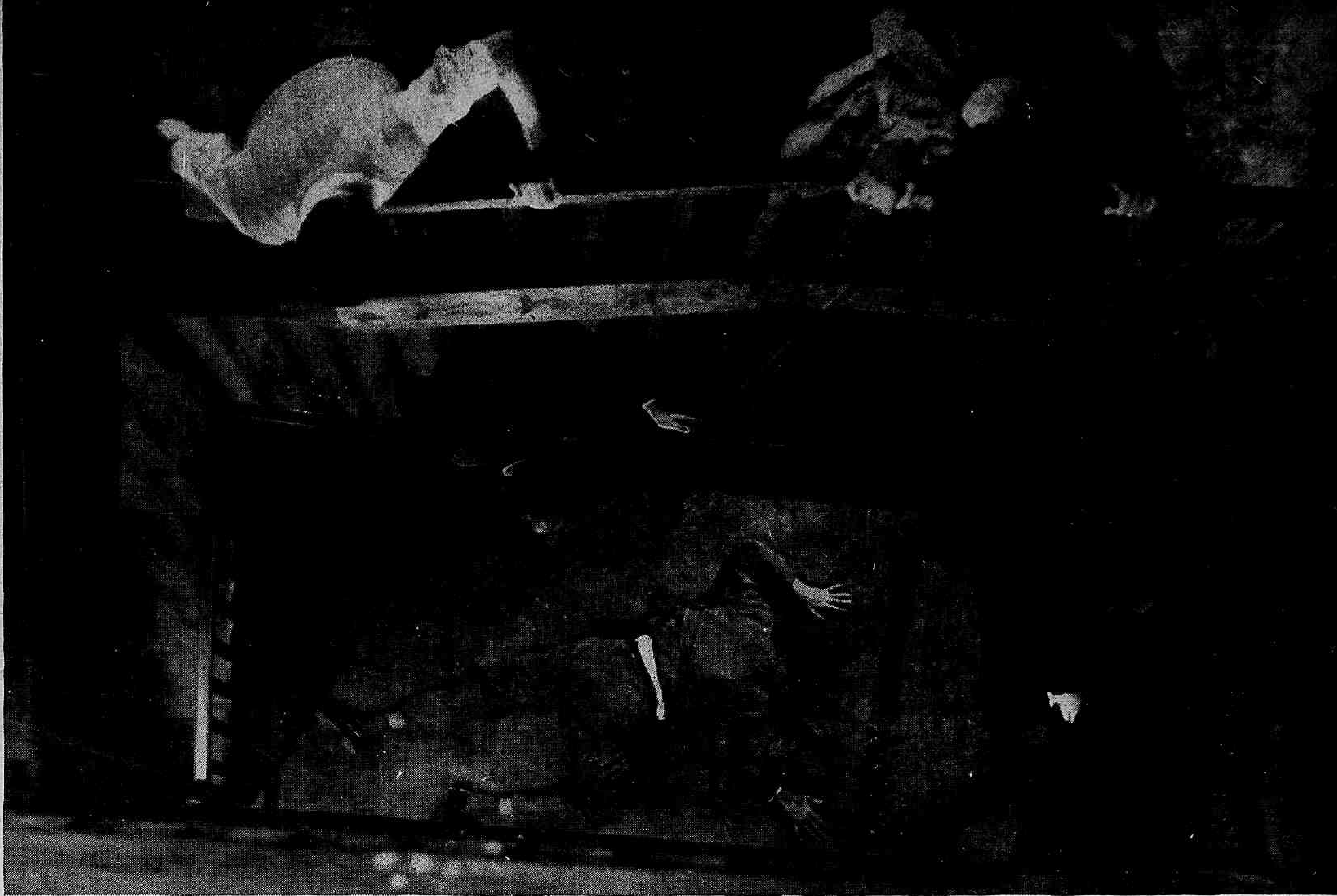
Encontrar o sentido nacional do cinema não é fácil pois, por pouco que se desvie a bússola, corre-se o perigo de cair no falso nacionalismo.

Nossa personalidade não se limita, como alguns acreditam, no gaúcho ou no malandro. O campo ou a Lapa não podem ser, por si sós, o meridiano do brasileiro. Daí, justamente, que alguns filmes nacionais, que os têm tomado mecânicamente como tema, resultem tão inconvincentes como querer fazer cinema brasileiro com sabor tìpicamente londrino. O caminho do cinema nacional é mostrar o significado das grandes figuras, dos feitos históricos e das obras literárias representativas, com os personagens e os feitos comuns e vulgares, com as coisas cotidianas, nas quais cada um de nós vê um pouco de si mesmo e reconhece sua própria existência, com os elementos espirituais, sociais e geográficos que configuram a nacionalidade e que definem sua gente e o seu ritmo de vida.

O real e não o falso. Nossa vida e não a imitação de nossa vida. Em temas assim encarados, assinalados por sua essência humana, radica a universalidade que o fará perdurar em outras latitudes. E por isso, justamente, e não por casualidade, têm deixado recordações imperecíveis "Vinhas da Ira", "Ladrões de bicicletas", "Sob o céu de Paris" ou "Enamorada", de nacionalidades distintas, porém tôdas equiparadas por uma realidade temática, que pode ser compreendida em cada país pelo que possui de próprio e no mundo pelo que possui de universal e eterno. Isto é o que urge resolver no nosso panorama cinematográfico para aquilatar uma personalidade que nos está fazendo falta. Para consegui-lo, convenhamos, não é tão imprescindível o sensacionalismo das avultadas somas para uma saudável paixão temática e estética.

A VEZ DOS ARGUMENTISTAS

Devemos admitir, lògicamente, que o cinema nacional padece de uma aguda crise argumental, que sua qualidade nunca foi tão ruim. Isto acontece porque os argumentos de qualidade não se produzem com freqüência e isso por imperativos de vários fatôres. Ou porque, rara vez, ocorre a alguém um tema de qualidade; ou, ainda, porque ao se lhe ocorrer, sofre uma terrível deturpação, quase inevitável, ao ser adaptado a um elenco ou a uma verba, à mentalidade de um diretor ou de um



«PRESENÇA DE ANITA»
Mário Donato foi compreendido.

produtor ou, também, por que a gente se está tornando rotineira e prefere seguir o rasto dos êxitos conhecidos, sem dar-se conta que tropeçam com a saturação do público.

O certo é que gravita em nosso meio a opinião generalizada de que um assunto artístico não resulta econômicamente proveitoso. Pensamos, entretanto, que os temas de valor também são compensadores financeiramente. São, evidentemente, e em mais alto gau do que as meras vulgaridades de que se alimenta o nosso cinema. Por isso, os grandes estúdios não podem parar. Acredito mais que os fabricantes de filmes continuos, os independentes, possam oferecer algumas notas de superação e beleza, o que não é possível acontecer repetidamente com uma custosa organização administrativa e industrial.



«CAIÇARA»
Seu tema foi um desastre.

De tôdas as formas, o cinema, despeitosamente chamado comercial (e que na maioria dos casos é muito menos comercial que o outro), serve de treinamento a equipes técnicas, artistas e a uma elevação e multiplicação dos meios expressivos em geral. O que existe é falta de argumentistas e de adaptadores. No Brasil tem prevalecido o abuso de se permitir a inclusão no ambiente de elementos incapazes, falando profissionalmente, os quais, por ignorância dos cânones elementares, entorpecem o progresso de tudo que seja bom cinema. A boa capacidade na sua profissão, apesar de se tratar de pessoas ilustres, não justifica sua presença num setor técnico-artístico (e também literário), onde sòmente a fantasia e o prestígio de "saber escrever" não são suficientes para cobrir a carência de noções técnicas. A técnica cinematográfica é complexa ("complicada', diria um humorista), de noções profissionais que não se aprendem com a exatidão dos livros de textos, enquanto não exista quem autorizadamente possa assentar cátedra.



«QUANDO A NOITE ACABA»
José Amadio não teve originalidade.



DENTRO DE UMA FITA FILMADA INTEIRAMENTE "IN LOCATION" ★ PIETRO GERMI, LUIGI ROVERE, LEONIDA BARBONI, CARLO RUSTICHELI, MASSIMO GIROTTI, CAMILLO MASTROCINQUE E VÁRIOS OUTROS TRABALHAM EM CONJUNTO ★ UM POUCO DO FILME E DA VIDA DE CADA UM.



De GINO TOSCANO ★ (Especial para "A CENA)

O DIRETOR PIETRO GERMI — Os freqüentadores de pequenas tabernas de Roma conhecem bem o esguio jovem de face ovalada e nariz aquilino, que traja modestamente, usa um boné azulado e habitualmente é visto fumando cachimbo ou charuto.

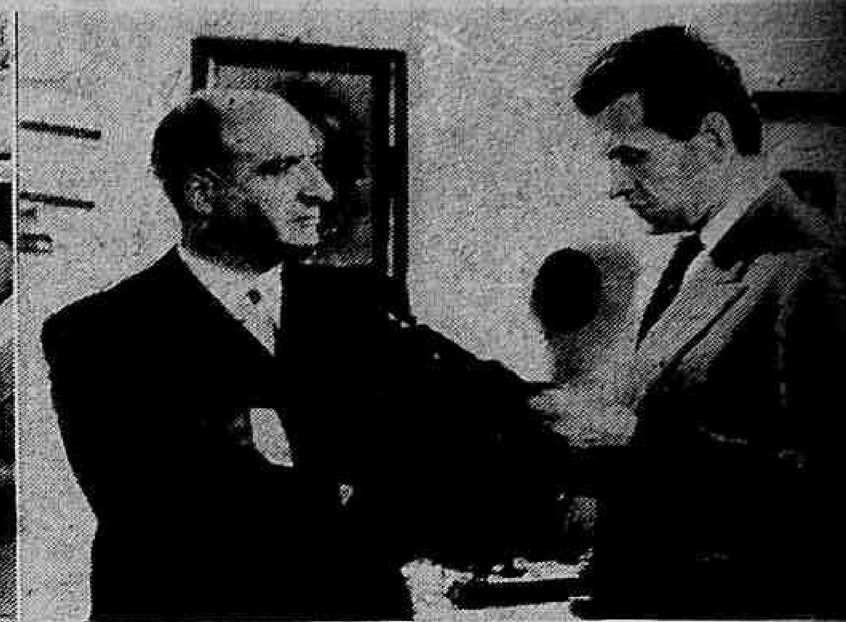
Geralmente êle está acompanhado, na mesa, por um ou mais amigos a quem dirige, com intervalos, algumas palavras; enquanto isso, fuma e escreve ou rabisca papéis. Êsse tipo esquisitão é o diretor Pietro Germi, que pensa que pode trabalhar calmamente em um meio tão exótico e tão cheio de gente.

Pietro Germi nasceu em Genova, a 14 de setembro de 1914, e passou a sua juventude em esplêndida vagabundagem. Indeciso sôbre qual carreira devia escolher, encontrou-se a fazer as coisas mais estranhas — como ser botequineiro e auxiliar de balcão. Daí, sendo genovês, achou que devia tornar-se lobo do mar e viajar pelos sete oceanos da aventura. Durante alguns anos frequentou os cursos do Instituto Náutico — mas logo ficou terrívelmente entediado. Essa foi a razão primordial que o obrigou a largar aquilo de mão. Foi

UM POUCO DO CINEMA ITALIANO







para Roma e decidiu tentar o Centro Experimental de Cinematografia, treinando como ator. Mas o destino resolveu que êle devia ser diretor — e dos mais bem formados diretores jovens da Itália. Todavia, suas antigas ambições permaneceram consigo — e recentemente êle interpretou um pequeno papel, em "Fuga in Francia", dirigido por Mario Soldati. Taciturno, indefinivel, homem de poucas palavras. — Germi é conhecido pelos amigos como "O homem que abre a bôca de dois em dois dias".

Quando entrevistado por jornalistas, êle reflexiona por alguns segundos antes de responder, entorta um pouco os lábios e fala de modo conciso. Fêz sua estréia com dois filmes de êxito internacional: "Il Testimone" e "Juventude Perdida". No último, alcançou tamanho realismo que provocou, a princípio, o veto dos censores, mais tarde repelido ou superado por causa da alta qualidade artística do filme.

Pietro Germi tem um modo de expressão franco e sincero. Êle explora com carinho os temas dos humildes e aflitos, expondo suas misérias e sofrimentos como um cirurgião realizando uma drástica operação. Pertence ao grupo de diretores que compõe a "escola néo-realista" e que atraiu para o cinema italiano moderno o interêsse da crítica internacional honesta e inteligente, e o ódio e a raiva dos despeitados, dos medíocres e dos comprometidos:

O PRODUTOR — Luigi Ròvere é o genuino homem "feito por si mesmo" Últimamente obteve a fama de ser um dos melhores produtores italianos, entre aquêles que encontraram, na organização Lux, os meios de realizar suas idéias e obter resultados marcantes para um e todos.

Luigi Ròvere nasceu em Acqui, Itália, a 30 de junho de 1908 e, na idade de 14 anos, deixou seu berço natal para começar a trabalhar duramente em Turim. Começando como simples carpinteiro, aos 23 anos já era gerente da carpintaria. Possuindo uma vontade de ferro, simultaneamente êle estudava em particular, e estava apto, dois anos mais tarde, a abrir sua própria firma. A princípio modesta, a firma cresceu e êle passou a se interessar por ações de cinema. Isto Ròvere começou sem ter idéia de que essa seria sua grande ocupação no futuro. Em companhia de outros, êle produziu, em 1940. "Il Vetturale di San Gotardo", e mais tarde, tendo se unido a Dino de Laurentiis, fundou a R. D. L., que produziu sucessivamente "O Bandido", "A Filha do Capitão", "Fora da Lei" (Il Passatore) e "Come persi la guerra" — todos filmes comercialmente felizes e todos bons, por serem frutos da habilidade comercial unida a altos méritos artísticos.

Depois de separar-se de Dino de Laurentiis, Ròvere produziu, por sua própria conta, "L'Eroe della Strada" e agora EM NOME DA LEI (In Nome Della Legge). Entusiasmado depois de haver lido o argumento, Ròvere, junto com Germi — que êle próprio escolheu como diretor — viajou por tôda a Sicilia, alí encontrando muitas aventuras e finalmente decidiu fazer a fita no povoado de Sciacca, o mais fotogênico para o argumento. Ròvere fala com entusiasmo do seu filme: "Existem indivíduos", diz êle, "que não têm compromisso. Felizmente. Espero que êste filme sirva para desfazer vários preconceitos estrangeiros sôbre a Sicilia e os sicilianos. A despeito de todo o tempo que passou desde sua união com a Itália, Sicilia é ainda uma quantidade ignorada — e ela não merece isso".

A respeito de seus inevitáveis contactos com a Mafia, Ròvere mantém estrita reserva. Mas, quem quer que conheça a Sicilia sabe que, se alguém desejasse interromper a filmagem da fita, não o faria. Quando interrogado sôbre isso, Ròvere apenas responde: "Os sicilianos são sobretudo homens de palavra!"

O CAMERAMAN: Leonida Barboni. — Num filme como EM NOME DA LEI filmado inteiramente em locação, o fotógrafo deve ser o tal: Quem tiver a sorte de ver as tomadas, que Barboni fêz para êsse filme, ficará extasiado com o uso inteligente de efeitos de luz e de aperfeiçoamento técnico, que tomou a fotografia verdadeira obra de arte, e certamente concordará que Barboni é igual a qualquer um dos seus famosos colegas americanos. Não é para menos! Pois Barboni pertence à aclamada escola italiana de Arata, Brizzi e Montuori e, antes de seu trabalho em EM NOME DA LEI, já tinha obtido excelente reputação em numerosos filmes. Êle filmara, além disso, muitos documentários e fôra correspondente do "American Cinematographer". Casado há alguns anos. Não bebe nem fuma.

O SUPERVISOR MUSICAL — Carlo Rustichelli vem de uma província italiana que deu muitos músicos ao mundo. — Emilia. Nasceu em Carpi (atualmente Modena — Não confundir com Capri) há 33 anos passados Diplomou-se em piano na Academia Filarmônica de Bolonha, onde foi aluno do Maestro Cesare Dobici, que lhe ensinou composição, contraponto e harmonia. Foi regente de orquestra em vários festivais de música, e é autor de música incidental para os seguintes filmes: "Grand Prêmio", "Juventude Perdida", "Gli ultimi filibustieri", "Il figlio del corsaro rosso", bem como autor de música para shorts, como "Beato Angelico", "Fotticelli", etc. A ambição de Rustichelli é, progredindo na harmonia e na instrumentação, dar a música uma linguagem lógica compreensivel para todos, até para os absolutamente incultos. Êle rejeita decididamente a teoria de que a música só deve ser escrita para a elite. Recentemente vem dando retoque a uma importante composição operática, na qual entende enfrentar musicalmente os problemas sociais aos quais se acha intimamente ligado.

OS DESEMPENHOS

MASSIMO GIROTTI — que no filme interpreta a parte do Pretor Guido Schiavi, nasceu em Mogliano, na provincia de Mecreta, a 18 de maio de 1918, e desde a infância viveu em Roma. Freqüentou a Faculdade de Engenharia e depois a de Direito, mais tarde decidindo-se pelo cinema, apesar da oposição da família. Em um filme de Mario Soldati, em 1930, fêz o seu "debut" e logo se tornou o broto masculino mais querido das admiradoras do cinema italiano.

Girotti mede 6 pés de altura e pesa cêrca de 11 pedrinhas... Fuma 20 cigarros americanos por dia, lê e estuda um bocado, raramente vai a concertos e não faz vida noturna fora de casa. Direito êle... Veste com elegância, não tem superstições e gosta de pessoas humildes. Seu esporte favorito é esquiar no inverno e nadar e mergulhar no verão. Quando pode, vai à ilha de Ischia descansar nos fins de semana. Entre os modernos diretores italianos aprecia De Sica, Visconti, De Santis e naturalmente Germi. Entre os atores americanos prefere Lee Tracy. Henry Fonda e Paul Muni e entre as mulheres Greta Garbo e Gene Tierney. Quando criança, apaixonou-se loucamente por Jean Harlow, escreveu poemas, deu cambalhotas, e mais isso e mais aquilo, por sua idolatrada.

As mais notáveis *performances* de Girotti foram em "Obsessão", a grande obra de Visconti, baseada na novela de James M. Cain; "Um dia na vida", de Blasetti; "A Coroa de Ferro", também de Blasetti; e agora em EM NOME DA LEI.

CHARLES VANEL, que no filme EM NOME DA LEI interpreta o papel de Turi Passalacqua, nasceu em 1894 e tem uma carreira cinematográfica de uns bons trinta anos. Do teatro de amadores passou ao profissionalismo. Em 1920 apareceu pela primeira vez em um filme, "L'Atro", onde ganhou nome. Entre os seus sucessos mais notáveis figuram "Pêcheurs d'Islande", "Waterloo", "Chiqué", "Les Miserables", "A Lei do Norte", "Grand Jeu" e outras produções francesas. Vanel é especialista em papéis de vilão. Pessoalmente é discreto e modesto. Gosta das coisas simples da vida: a vida no campo, pescaria, passeios. E' um tanto taciturno e gosta da solidão.

JONE SALINAS, que no filme vive a Baronesa Lovasto, nasceu a 7 de março de 1921, em Reggio Calabria, de pai napolitano e mãe espanhola e seu nome de guerra foi retirado da família materna. Entre uma numerosa família, uma de suas irmãs é também atriz. Jone entrou para o Centro Experimental de Cinematografia e, ao mesmo tempo que fazia o curso dramático, obtinha o grau de doutora em Letras, devotando-se a ensinar Literatura na Escola Normal de Napoles.

Em 1943 ela conheceu um cinematografista, apaixonou-se por êle e casaram-se imediatamente. Desde sua infância Jone Salinas escolheu a equitação como seu esporte favorito; pratica também o tênis. Seus autores favoritos são Voltaire e Rilke, é entusiastica admiradora da pintura moderna (gosta de Picasso e Portinari) e da moderna escultura, que pratica em seus momentos de folga.

Com cabelos e olhos castanhos, Jone Salinas mede seguramente seus cinco pés 9 polegadas e tem um pêso regular. Gosta de fumar cigarros americanos — o que parece mania universal — mas nunca bebe álcool. Seu perfume favorito é Arpège. E' muito esquecida, e uma vez, quando em lua de mel, esqueceu de avisar o seu produtor, com quem fazia um filme na ocasião, que "ia faltar ao estúdio..."

Entre os seus filmes figuram "Elixir de Amor" (da Art-Films, como EM NOME DA LEI), "Sissignora", "O Apocalipse", "Entre o amor e o trono", etc. Tem um filho, Carletto, de quatro anos.

CAMILLO MASTROCINQUE, no filme vivendo o Barão Lo Vasto, é mais conhecido como diretor — atividade que exerce desde 1924 — intenso e brilhante. Nasceu em Roma e apareceu pela primeira vez na tela em "Ben Hur", tendo dirigido antes uma série de curta-metragem. Desde então realizou 30 películas. Mas agora resolveu sair da linha e interpretar um papel, o que é feito no filme de Germi EM NOME DA LEI.

OS EXTRAS — Além dos principais atores, Germi conseguiu a valiosa cooperação de elementos locais da ilha da Sicilia, empregando como extras marinheiros, camponeses e vários tipos das sociedades dramáticas da Sicilia, conseguindo perfeitas personificações dos caracteres exigidos pelo cenário, dando ao filme uma maior autenticidade — de ambiente e de indivíduos — sendo dignos de citação Turi Pandolfini Peppino Spadaro, Saro Urzi, Ignazio Balsamo, Saro Arcidiacono, Nanda de Santi, Nadia Niver, Bernardo Indelicato, Francesco Navarra, Luigi Abbene, Pietro Sabella, Aldo Sguazzini, Alfio Macri, Camelo Olivieri e Guido Medici.

O CENÁRIO foi escrito por Giuseppe Mangione, baseado no romance "Piccola Pretura", de Giuseppe Guido Loschiavo, e a cenarização foi preparada por Aldo Bizzarri, Federico Fellini, Pietro Germi, Giuseppe Mangione, Mario Monicelli e Tullio Pinelli.



O funcionário Carlos Carrié, após deliciar os radiouvintes com as melodias portenhas, segue rumo à sede do instituto em que trabalha. Outra vida começa para quem não se conforma em ser, ùnicamente, cigarra.

UM GAÚCHO DESCOBRE O RIO

CARLOS CARRIÉ COMEÇOU NA CHAMADA "HORA DO BICHO" E CHEGOU A ASTRO DA RÁDIO NACIONAL. — QUANDO OS APLAUSOS PERTURBAM A AUDIÇÃO DE UM MAESTRO E PROVOCAM MAL ESTAR NUM CANTOR. — O CINEMA ESTÁ INTERESSADO NO CONCURSO DO ARTISTA DA E-8.

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS



Côncio de seus compromissos para com a emissora que o tem sôbre contrato, o artista sulino comparece, diàriamente, à estação, a fim de verificar o horário de seus programas.

CARLOS CARRIÉ veio do Sul!

Nada de cartinhas de recomandação...

Nem sequer afinidades com os graúdos da política dominante.

Veio com a "cara", segundo o vocabulário de Araci de Almeida.

Trouxe, a i n d a, apreciavel material de voz que, diga-se de passegem foi o "abre-te Sésamo" para seu ingresso nos dificílimos meandros da Rádio Nacional. Para conseguir êsse privilégio bastou-lhe, ùnicamente, interpretar um dos muitos números dos que enriquecem seu variadíssimo repertório. O "maioral" Vitor Costa, após ouví-lo pacientemente, não perdeu tempo em incluí-lo na fôlha de pagamento dos contratados da popularíssima PRE-8.

Carlos Carrié, a quem tinham dito cobras e lagartos dos diretores de "broadcasting" das estações cariocas, quase teve uma síncope diante do tratamento que lhe dispensou o sr. Vitor Costa. Chegou a passar a noite em claro, pois jamais pensara em galgar tão fàcilmente os difícies degraus do sem fio guanabarino. Sabia que outros viviam e vivem lutando para a conquista de um simples lugar ao sol, coisa que, para êle, não teve o menor embaraço. Foi conjeturando sôbre o colchão de molas que Carlos Carrié chegou à conclusão de ter imitado César. Daí, reviver entre as quatro paredes de seu quarto, o corriqueiro "Cheguei, vi e venci", uma vez que se viu contratado pela principal estação brasileira, sem precisar recorrer a elementos ligados à êste ou aquêle partido em evidência. Bastou-lhe, por estranho que pareça, suas qualidades vocais, já apreciadas

além fronteiras. E' que no interregno de suas atividades aos microfones gaúchos, o atual exclusivo da Rádio excursionava pelas cidades portenhas, apresentando-se em cabarés e "nights-clubs". Essas "tournées" por sinal animaram-no a prosseguir na carreira artística, dada a aceitação do público argentino pelas composições que êle interpretava.

A VALSA CEDE LUGAR AO TANGO

Carlos Carrié, ao contrário do que muitos pensam, não é um cantor de melodias portenhas. E', isto sim, um intérprete de canções internacionais. Porém, dado o interêsse que os rádio- ouvintes devotam a tudo quanto venha da terra de Peron, êle preferiu voltar-se para as composições de Carlos Gardel. Hoje, quando lhe sobra oportunidade, não recusa apresentar uma de nossas valsas ou canções, embora seu fraco seja o tango. Aliás, nesse gênero, o cantor não encontra rival. E' senhor absoluto do mercado.

Mas, seu começo nas ondas hertzianas deve-se, exclusivamente, à interpretação de uma valsa. Isto aconteceu na Rádio Difusora Gaúcha, ao tempo em que o atual diretor da Casa dos Artistas Riograndenses, sr. Piratini, dirigia a conhecida "Hora do Bicho". Nosso reportado apresentou-se para cantar "A Você". No fim do programa, ao ser dado o veredictum da comissão julgadora, Carlos Carrié estava premiado com a importância de cinqüenta cruzeiros, que, naquela época, equivaliam ao que as grandes emissoras distribuem atualmente.

A "Hora do Bicho" serviu, portanto, para estimular o artista que já se pronunciava em Carlos Carrié. Êste, aliás, depois do êxito obtido ao microfone da Difusora, cuidou de arranjar um "bicho" na Rádio Gaúcha, aproveitando-se da ida do sr. Piratini para aquêle prefixo. Teve sorte. Mas, não tardou a retornar à Difusora, a fim de participar das audições de "Colégio do Amor". Deixou então, de ser amador para se tornar profisional, assinando um contrato que lhe rendia trezentos cruzeiros mensais. A essa altura, porém, o cantor passou a se interessar pela música argentina, da qual veio a se tornar, mais tarde, um excelente intérprete.

QUANDO A ORQUESTRA ATRAPALHA...

Há na carreira do exclusivo da Rádio Nacional casos que, indiscutivelmente, merecem divulgação. Inda mais, quando o sabemos um artista conscio de seus deveres para com o grande público. Êle próprio fêz questão de revelar-nos dois fatos pitorescos ocorridos quando de uma excursão a uma das cidades fronteiriças.

Na boite "Mil e uma noites", durante o desenrolar de movimentado show, Carlos Carrié apresentou-se para interpretar "Granada". Os frequentadores, como sói acontecer nessas ocasiões, quedaram-se para ouvi-lo. E, quando tudo parecia transcorrer sem novidade, eis que o artista esquece a letra da composição de Agustin Lara. Mas, dotado de completa presença de espírito, improvisa uma letra, sem que os espetadores se apercebessem da história...

De outra feita, escalado para participar de um espetáculo num dos principais cinemas de Pôrto Alegre, o cantor, entre outros números, programou "Una Mujer". Isto, por se tratar de uma composição que o sexo fraco muito admira. Na chamada "Hora H", quando o teatro se encontrava a postos para aplaudir seu astro, êle surge e segreda alguma coisa ao maestro. Êste, em virtude do barulho provocado pela estrondosa ovação de que o artista estava sendo alvo, não entendeu direito. Resultado, atacou a melodia dois tons abaixo do que deveria. Mas, como na boite Mil e uma noites, Carlos Carrié contornou a situação, saindo-se galhardamente dessa verdadeira sinuca...

ATÉ BREVE? SEU MICROFONE

Mil novecentos e quarenta e sete vem arrancá-lo do microfone da Rádio Farroupilha, arrumando-o lá para as bandas de São Leopoldo. E' que o serviço militar estava a reclamar sua presença noutro setor, privando-o, assim, de prosseguir na carreira radiofônica. Foram vários meses de ausência do convivio de milhares de fãs. A hora do programa foi trocada pela hora do rancho. Porém, para compensar êsse afastamento, Carlos Carrié cantarolava no alojamento, quando não o fazia durante uma das costumeiras marchas...

No ano seguinte, porém, já ostentando a "estrêla" de segundo tenente, o cantor volveu suas vistas para o cast da Rádio Gaúcha. Nesse prefixo permaneceu até aos primeiros dias do corrente ano quando, para satisfazer um desejo incontido, resolveu descobrir a Cidade Maravilhosa. Foi felicíssimo nessa iniciativa, uma vez que seu valor, de imediato, foi reconhecido. Atualmente, desfruta de invejável posição no "broadcasting" guanabarino, onde integra o grandioso elenco da Rádio Nacional.

CARRIE PRETENDE FAZER FITA...

O artista sulino é dotado de extraordinário físico, prestando-se vantajosamente para a sétima arte. Por isso, o conhecido cineasta Jorge Dória meteu-lhe a conversa para participar de um argumento a ser rodado brevemente. Fará um tipo que, segundo a opinião do próprio Jorge Dória, despertará o interêsse da crítica especializada.

Também a Odeon, por intermédio de seu diretor, fêz-

(Continua na pág. 29)



Na existência de um cantor há sempre um mundo de sorrisos femininos. São as admiráveis fãs que, via de regra, desejam um retrato autografado ou a interpretação de um número que lhes agrada, não é Carrié?



Carlos Carrié não desperdiça o tempo. Artista exclusivo da Rádio Nacional é, ainda, alto funcionário de uma autarquia. Assim, alia as notas musicais às notas que os contribuintes do I.A.P.I. pagam.





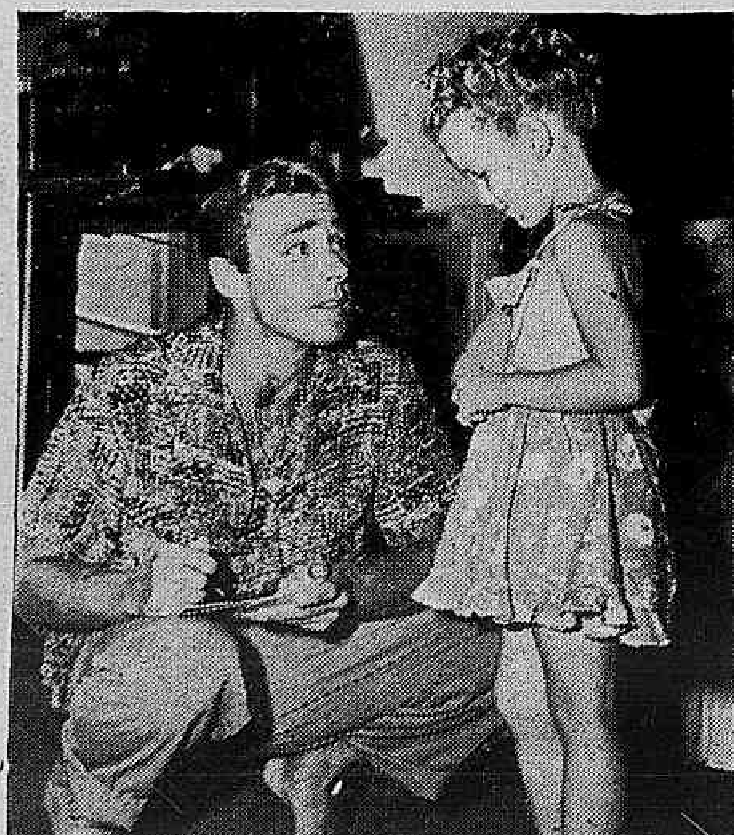
Ao lado de Kathryn Grayson, Lawford ensaia alguns números musicais. Não tem boa voz, mas sempre faz sucesso entre as fãs.

Com Deborah Kerr, Lawford contracena. Sem ser um ator dramático de recursos, sua figura sempre se impõe ao público feminino.

PETER LAWFORD

NUNCA FOI À ESCOLA

RESIDIU NOS MAIS DISTANTES LUGARES DO MUNDO — E É CONSIDERADO UM DOS MAIS EDUCADOS ATORES DE HOLLYWOOD



As fãs de Peter contam-se entre meninas de 5 a 50 anos. Ei-lo dando um autógrafo a uma fã.



Peter Lawford
Qual será o seu segrêdo?



FILHO único do Tt. Gal. (aposentado) Sir Sidney e Lady Lawford, Peter Lawford nasceu em Londres, no dia 7 de setembro. Desde a tenra idade que Peter demonstrou talento artístico, pois com a idade de sete anos apareceu no filme "Old Bill", numa pontinha. Foi quando Lawford decidiu seguir a carreira de sua vida. Entretanto seus pais não queriam nenhum menino-prodígio na família e resolveram levá-lo consigo em sua viagem através do mundo. Paris, Monte Carlo, Nice, Roma, Austrália, Honolulu, Tahití, Espanha, Portugal, Índia, Panamá foram alguns dos lugares em que residiu. Durante suas viagens, Peter Lawford era educado por tutores particulares e embora sorridente declare que "nunca foi a escola", é considerado um dos mais educados atores de Hollywood. Certa vez os Lawford estavam visitando o estúdio da Metro-Goldwyn-Mayer e o mesmo necessitava de um garôto inglês para aparecer em "Lord Jeff". Peter ganhou o papel e fêz sua estréia em Hollywood, ao lado de Mickey Rooney e Fred Bartholomew. A família continuou com suas viagens e se encontrava na Flórida quando a Segunda Guerra Mundial congelou todos os seus fundos monetários. Peter passou a trabalhar como guarda de estacionamento de carros diante da porta de um hotel onde antes fôra hóspede de honra. Economisou algum dinheiro e viajou para Hollywood, trabalhando aí como porteiro do Teatro de Westwood Village — onde mais tarde muitos de seus sucessos cinematográficos foram exibidos em "avant-première". Foi "redescoberto" pela Metro e apareceu em "Rosa da Esperança". Depois dêsse filme, aliás premiado pela Academia, Peter foi procurado por outros estúdios, tendo feito "Thunder Birds" e "Eagle Squadron". De volta à Metro, apareceu novamente ao lado de Mickey Rooney em "A Yank at Eton". Depois vieram "The White Cliffs of Dover", "The Canterville Ghost", "Mrs. Parkington", "The Picture of Dorian Gray" e muitos outros. Entre seus últimos sucessos contam-se "Easter Parade", "On a Island with You", "Royal Wedding". Excelente dansarino, pratica o tênis e a natação com regular assiduidade. E' muito popular, aprecia a música popular

(Cont. na pág. 29)



GERSHWIN NO CINEMA

De JEAN DELMAR

(Especial para «A CENA»)



"Isto é Paris — e cada dia eu a amo mais. Não me perguntem a razão. Ninguém pode explicar Paris. Não é o Louvre... nada disso faz Paris, nem mesmo êstes inesquecíveis jardins das Tulherias, que se desdobram em tôrno da gente como um *bouquet* de primavera e se oferecem em meio à agitação de uma cidade muito ocupada. Paris é um estado dalma. Paris é como o amor — a arte — a fé... Não pode ser explicada — apenas pode ser sentida."

Isso é parte do que Gene Kelly diz na introdução de um filme que lhe é muito caro, um filme a que êle deu todo o seu entusiasmo e tôda a fôrça de seu talento. Um filme que marca Gershwin no cinema. A música de George Gershwin — e precisamente a de mais profundidade — "An American in Paris" — "vestindo" tôdas as cenas de um filme totalmente inspirado nessa mesma música. Entretanto, a versão cinematográfica do "An American in Paris" — filme que no Brasil se chamará "Sinfonia de Paris" — teve Vincente Minnelli como diretor, e George Kelly aparece principalmente como "astro" do filme, interpretando Jerry Mulligan, "o americano em Paris". Mas há um pormenor interessante, que deve ser destacado: tôda a parte coreográfica e musical do filme estêve a cargo de Gene Kelly. Daí o artista — entusiasta de Gershwin, a quem conheceu pessoalmente — ter dado todo o seu entusiasmo a "An American in Paris".

Comissionado pela Metro-Goldwyn-Mayer, Gene Kelly estêve em Paris, muito antes de iniciada a filmagem de "An American in Paris", em busca de uma figura feminina para interpretar Lise Bourvier. Foi na pessoa de uma pequenina, não muito bonita, mas expressiva, olhar vivo, figura do elenco do "Ballet des Champs Elysées", que recaiu a escolha de Gene. Seu nome é Leslie Caron.

A fórmula para a realização de "Sinfonia de Paris" fugiu ao ramerrão, aos passos comuns para a realização de

"mais um musical". Foi resultado de várias reuniões entre técnicos, "todos entusiastas e conhecedores da música de Gershwin". A êsses juntaram-se, depois, o próprio irmão de George Gershwin — o conhecido Ira Gershwin, autor das "letras" de tôdas as famosas canções do autor de "An American in Paris" — e Preston Ames, contratado em Nova York para atuar como assistente de Cedric Gibbons.

Ames havia sido estudante em Paris, estudante de Belas Artes, de 1927 a 1932, residindo no Quartier Latin, precisamente num ambiente semelhante àquele em que vemos Gene Kelly desempenhando seu papel no filme. Ames desenhou quarenta e quatro ambientes — um "record" para êsse tipo de produção — e todos foram combinados com autênticas cenas tomadas em Paris, frente à Ópera, em pleno Montmartre, nos cafés de calçadas e outros pontos, entre os quais as margens do Sena.

Cedric Gibbons e Ames supervisaram os trabalhos de quinze cenógrafos, vinte e cinco pintores e trinta escultores. Um obscuro trabalhador do departamento de cenografia solicitou a oportunidade de pintar um cenário de vinte e cinco por trinta pés, reproduzindo o cenário de uma loja de flores, no estilo de Renoir. Tratava-se de um velho entusiasta do pintor Renoir, glória da arte francesa. A interpretação, pelo pintor Dufy, da Praça da Concórdia, é outro ponto alto do filme em sua decorativa.

Uma das mais sugestivas cenas do filme — é a que fixa o ambiente do famoso Baile dos Artistas de Paris. Esse cenário e essa ambientação foram planejados e realizados, com inteira fidelidade, nos mínimos detalhes. Georges Guetary, o famoso "chansonnier", responsável por um dos desempenhos capitais do filme, foi chamado a atuar como "conselheiro", juntamente com outros "entendidos" do assunto, junto a Minnelli, Gibbons, Ames e o próprio Gene Kelly.

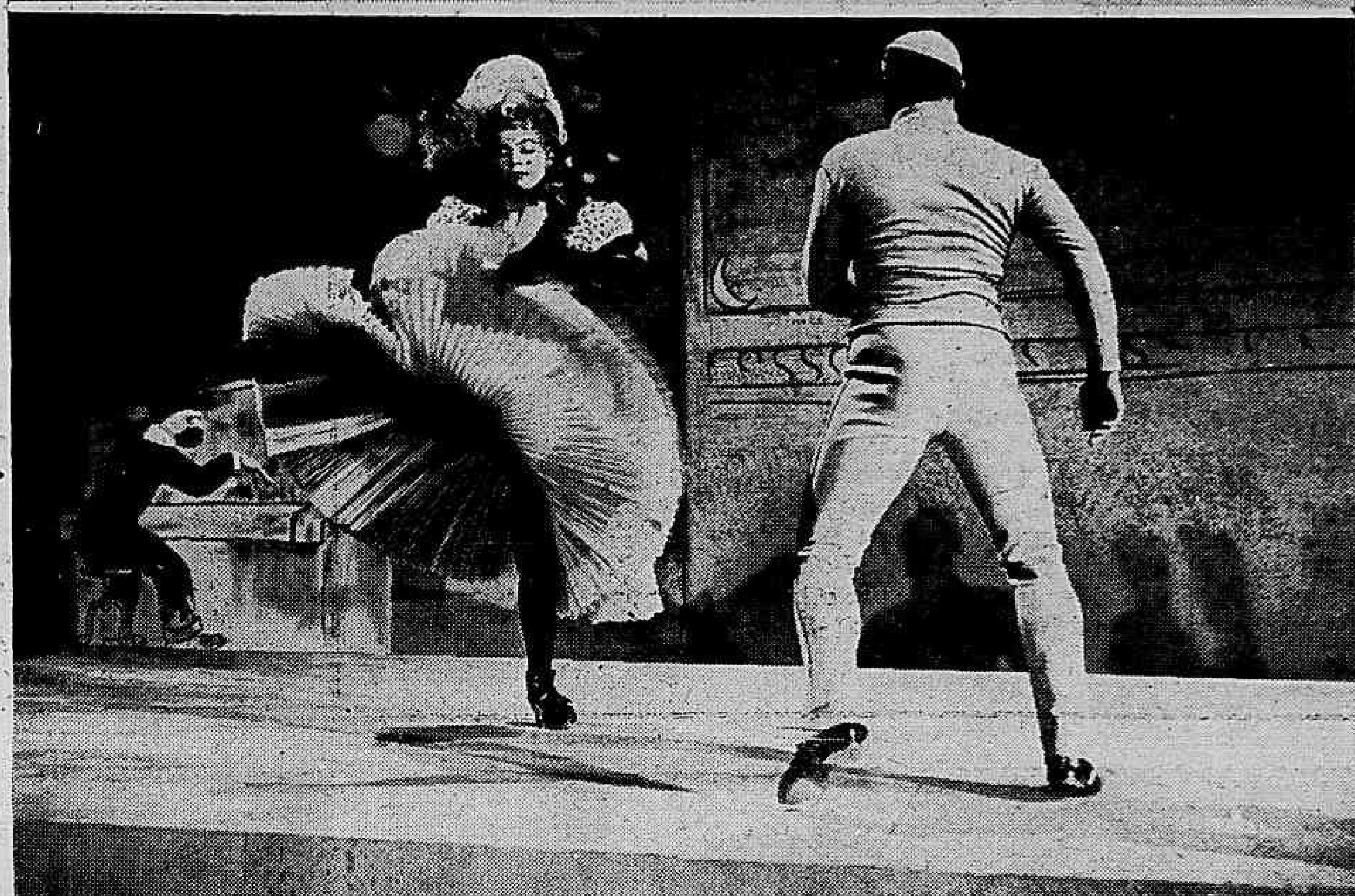
Três destacados figurinistas foram contratados para fornecimento dos desenhos de cêrca de quinhentas fantasias. Orry-Kelly encarregou-se da maior parte, cabendo ao famoso Walter Prunkett os figurinos admirados nas cenas do "Baile Branco-e-Prêto". E houve ainda a colaboração de Irene Sharaff, que desenhou todos os costumes vistos no "ballet" "An Ameriacn in Paris", o ponto "climactic" do filme.

★

— Temos em "An American in Paris" um "ballet" que tomará, em sua projeção, nada menos de 17 minutos! Trata-se do "ballet" mais extenso até aqui apresentado no cinema, e por isso mesmo representa a tarefa mais difícil e trabalhosa enfrentada até hoje num "set" de filme musical — comentou Gene Kelly, após a última tomada de cena de "An American in Paris".

E' durante a execução dêsse "ballet" de grande efeito — "ballet" que foge ao academismo e representa a última palavra em coreografia moderna — que "desfilam", podemos dizer assim, todos os importantes cenários pintados para "Sinfonia de Paris, inspirados em ambientes autênticos da Cidade-Luz. A Place de La Concorde, a Place de L'Opera, o Jardin des Plantes, segundo Rousseau, a interpretação dada pelo pintor Utrillo a um trecho de Montmartre, tudo isso desfila nessas cenas que prometem marcar sensação. E' ainda em certo ponto da interpretação, em "ballet", da famosa "suite" de Gershwin, que o Technicolor se revela como uma das maiores fôrças do filme, através de ambientes que, sempre iguais, parecem novos, diferentes, porque apresentados em côres distintas — cem por cento uma côr, de cada vez, decididamente algo revolucionário e de enorme efeito pictórico e estético.





Claro que a parte musical não podia deixar de ter sido muito cuidada. Johnny Greenn, "general music director" dos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, cuidou pessoalmente da orientação e "tempos" de tôdas as orquestrações, tirando o melhor partido para o efeito pictórico e cinematográfico.

— Precisamos até ter orquestrações de acôrdo com as tonalidades do Technicolor e em alguns casos precisamos obter tonalidades de Technicolor de acôrdo com certas passagens da partitura! — comentou ainda Gene Kelly.

O "Concêrto in Fa", uma das mais aclamadas composições de Gershwin, faz parte do vasto "musical score" do filme, e é exteriorizado por Oscar Levant, o famoso pianista. "Liza", "I Don't Think I'll Fall in Love Today", "Embraceable You" e "Our Love is Here to Stay", "I Got Rhythm" e "By Strauss" — estão no "score" de "Sinfonia de Paris". Guetary aparece interpretando "I'll Build a Stairway to Paradise", que é um dos mais espetaculares números do esquisito — esquisito no bom sentido do têrmo — dirigido por Vincente Minnelli e Gene Kelly.

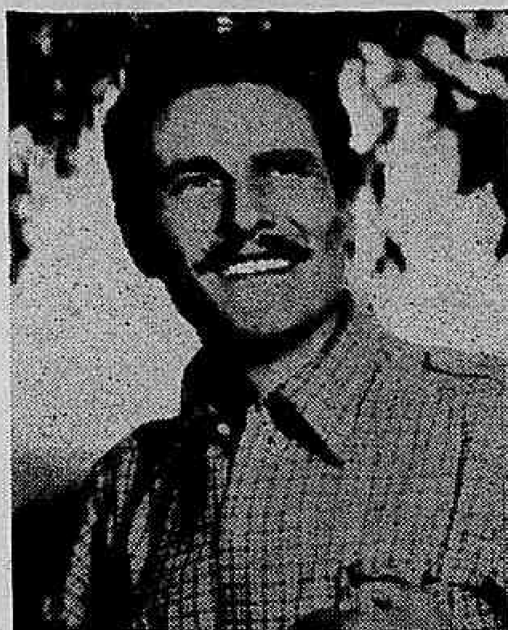
Os "balletomanos" de todo o mundo, parece, terão motivos para grande júbilo com a apresentação de "Sinfonia de Paris". E os fãs da música de Gershwin, muitos dos quais continuam dizendo que o cinema até hoje não honrou o seu ídolo, parece que mudarão de idéia agora.

Porque o propósito dos realizadores de "An American in Paris" foi precisamente honrar o famoso compositor. Porque êles próprios são fãs exaltados do autor da "Rhapsody in Blue". Ninguém melhor que êles, portanto, poderia tomar sob os ombros a pesada tarefa de vestir um filme com os ritmos e linhas melódicas saídas da sempre apaixonada inspiração do musicista que o mundo perdeu em 1937.



Flashes Mundiais

DIVERSOS



AMEDEO NAZZARI
(O Lôbo da Montanha)

"O Principe Pirata", com Vittorio Gassman; "O Lôbo da Montanha", com Silvana Mangano e Amedeo Nazzari; "E' Primavera", o maior filme do diretor Renato Castellani; "Nossos alegres vinte anos", continuação de "Sob o céu de Roma", com os mesmos atores e direção de Giorgio Bianchi; "Um Garibaldino no Convento", obra clássica de Vittorio de Sica; "As duas órfãs", com Alida Valli em um grande papel; "O Brotinho e as respeitosas", com Daniele Delorme; "O Ninho dos Gaviões", com Ermano Randi (o esplêndido ator de "Giuliano, bandido da Sicília), Umberto Spadaro e Liliana Tellini; "Francisco, Arauto de Deus", e "Alemanha, Ano Zero", duas obras do mestre Rossellini; "Amanhã é muito tarde" e "Amanhã é outro dia", as duas obras-primas de Leonide Moguy; "História de uma infâmia", adaptação de um romance de Xavier de Montepin, com Vivi Gioi no papel central; "A Besta Humana", reapresentação muito esperada da fita de Jean Renoir; "As Precoces", com Daniele Delorme dirigida por Maurice Cloche; e, finalmente, o drama de Curzio Malaparte "O Cristo Proibido" são algumas das próximas produções européias que serão apresentadas em breve pela Art-Films.

ESTADOS UNIDOS

Ao mudar a côr de seus cabelos para negro, a fim de que mais brilhasse no filme "Mercados de Paixões", Rhonda Fleming teve a surprêsa de vêr que também seus olhos tinham mudado de côr. A "estrêla" nada teve a vêr com esta transformação, nem tampouco o departamento de maquilagem do estúdio.

Esta nova produção foi filmada em Tecnicolor e devido a iluminação especial e a côr negra como azeviche do cabelo da atriz os olhos normalmente castanhos apareceram completamente verdes, segundo se pode comprovar depois durante as provas de maquilagem.

Por isso os milhares de admiradores que se extasiaram na contemplação dos olhos castanhos da graciosa atriz, terão que fazê-lo agora com os olhos verdes, de uma dansarina que a Universal-International lhes apresentará em "Mercados de Paixões". Advertimos que a mudança de côr não afetou em nada os irresistíveis encantos de Rhonda.

★

Fidelity Pictures, companhia produtora de "O Marido Não Queria", escapou às severas disposições de uma nova lei aprovada pelo estado da Califórnia, que fizeram até impossível a uma filmagem, a menos que se realizasse uma custosissima viagem para rodá-la em Las Vegas.

Grande parte dêste filme distribuido pela V. I. e do qual são protagonistas Ginger Rogers e Jack Carson, transcorre em um centro turístico do Estado de Nevada e no argumento desempenham um importante papel as máquinas de jôgo de azar chamadas "papas níqueis". No mesmo dia em que se terminou a filmagem das cenas de jôgo, foi posta em vigor a mencionada lei declarando ilegal a esta classe de máquinas até para as companhias cinematográficas.

★

Uma das anedotas favoritas de Stephen McNally é a que lhe contou um amigo, o Coronel Henry Spicer, comandante da Base Aérea Williams em Arizona, enquanto o ator estava no acampamento filmando cenas de "Escola de Bravos". O referido coronel, que durante a guerra teve a seu comando um esquadrão aéreo foi feito prisioneiro na Alemanha e internado, num campo de concentração, onde se tornou um rebelde incorrigível.

★

Além de criar uma rebelião entre seus companheiros, tratou inúmeras vêzes de fugir ainda com o risco de receber uma bala na cabeça. Finalmente o puseram num calabouço isolado por 5 meses e vinte e novo dias. No vigéssimo nono dia os norte-americanos libertaram a todos os prisioneiros da dita prisão. Quando chegaram na cela de Spicer esperavam que êste os recebería de braços abertos, mas verificaram que o aviador estava com o ânimo caído



Rhonda Fleming, uma das mais novas e belas estrêlas de Hollywood, faz o seu debut como bailarina, em «Litte Egypt», tecnicolor da U.I., da qual ela é a estrêla- Vêmo-la aqui estudando com afinco a parte que lhe coube no «script», desta nova produção.



Para tornar mais sedutora a bela bailarina de «Litte Egypt» (Mercado de Ilusões) que Rhonda Fleming encarna, a estrêla teve que tingir seus lindos cabelos vermelhos, de prêto. A mudança no entanto em nada afetou a sua beleza, pelo contrário!

proibindo-lhes de entrar no calabouço e muito menos de que o tirassem dali.

Decididamente não queriá ser pôsto em liberdade.

"Voltem amanhã", disse aos libertadores. "Vou passar aqui mais uma noite. Fiquei encarcerado por 5 meses e 29 dias e que ráios me partam se sair antes de que cumpra os seis meses completos.

★

Numa das fases de sua carreira como assessor técnico em assuntos relacionados com o Médio-Oriente, o comandante C. S. Ramsay-Hill tem sempre seguido a mesma técnica: a de perseverar no êrro.

A principal especialidade de Ramsay-Hill se constituem nos camelos. Não obstante quando escolheu os que apareceram no filme "Suez", os animais não eram os da espécie apropriada. O mesmo sucedeu em "Aventuras no Cairo" e na película, "Tentação". No seu mais recente trabalho como encarregado dos detalhes técnicos da película "O Principe Ladrão" (The Prince Who Was a Thieff) continuou usando camelos impróprios.

"Nada posso fazer em favor da autenticidade", declara Ramisay-Hile. "Na California não se encontram os camelos da espécie de que necessitamos. De acôrdo com as palavras dêste oficial retirado do exército britânico, que comandou durante quatro anos um regimento da cavalaria árabe, em Hollywood, podem-se arranjar tôda classe de animais, excepto o verdadeiro camelo da Arabia, mais conhecido por dromedário. Em seu lugar, os produtores cinematográficos têm que empregar camelos originarios de regiões mais frias como Afganistan, o Tibet e Persia. Êstes ruminantes têm duas corcovas em vêz de uma, como o dromedário, e Ramsay-Hill tem de ocultar a que sobra, tampando-a com uma carga que coloca sôbre seus lombos. Seguramente os entendidos em zoologia se rirão ao vêr êste aparente equivoco de Hollywood, mas como disse os leigos não serão capazes de notá-lo.

★

As fôrças aéreas dos Estados Unidos deram à Hollywood uma lição de realismo. O guia cinematográfico da película "Escola de Bravis" na qual tomam parte Stephen McNally e Gail Russel, contém uma cena na qual o cadete Richard Long enfaixa os ferimentos de seu instrutor de vôos, caracterizado por Stephen McNally, ao lado de um bombardeio F-80 no qual êles realizaram uma aterrissagêm forçada.

O estúdio decidiu filmar as cenas em duas semanas, na única base de treinamento de bombardeios, Williams Field, Arizona. O comandante da base recebeu notificação que um grupo de técnicos chegaria antecipadamente, para preparar o acidente aéreo que se levaria a cabo perto do aeroporto.

O aviso não deixou de surpreender os da base que davam por certo que algum dos pilôtos sob treinamento, indiscutivelmente, haveria de cometer algum êrro e quebrar o avião antes de começar a rodagem e pensavam que o acidente podia servir para o filme.

E assim sucedeu. Um jovem aviador fêz uma aterrissagem forçada perto do acampamento e embora não se tenha machucado, seu avião ficou destroçado. O comandante do campo avisou ao estúdio do acidente e se ofereceu para demorar mais tempo na reparação do aparelho até depois de filmada a película, resultando assim uma cena muito mais real.

★

Ann Blyth, que é atualmente a solteira mais famosa da colonia cinematográfica de Hollwwood, acaba de inteirar-se de uma nova deserção nas filas das solteiras. A terceira de um

(Cont. na pág. 29)



Joel McCrea, o jovem Dean Stockwell e o cão «Dockle», tornaram-se grandes amigos durante as filmagens de «Cattle Drive», mais um movimentado tecnicolor que a U.I. está produzindo «in location», em Furnace Creek Inn, perto do famoso Vale da Morte.

PORTUGAL

***DESDE** as primeiras produções sonoras portuguêsas ficou definido que o público e, por conseqüência, os produtores, tinham especial preferência pelas produções musicais.*

A princípio o fenômeno aparecia como naturalmente inevitável: os primeiros filmes sonoros portuguêses apresentavam-se com caráter musical por ser moda, por ser a corrente generalizada, por ser timbre de tôdas as produções de êxito saídas dos estúdios de tôda a parte do mundo, naquele tempo.

"A Severa", cujos interiores ainda foram rodados em Paris, contava a história romanceada da cantadeira mais castiça da boêmia lisboeta do século XIX. Lògicamente o fado desempenhava nêle um lugar fundamental. E, ao lado dos fados, a "Marcha dos Bolieiros", a "Canção do Alquilador" e, ainda, as serenatas, quadrilhas e minuetes dos salões palacianos contribuiam para uma permanente atmosfera musical, própria duma opereta, podiamos considerá-la assim, embora com um caráter e variantes muito especiais.

A qualidade da música, de que foi autor Frederico de Freitas, era notável pela inspiração e sentido popular.

Dentro de pouco tempo, Portugal de norte a sul cantava o "Fado das Toiradas" e o "O Timpanas".

Daí para a frente criou-se uma espécie de psicose musical nos produtores cinematográficos portuguêses. Convencidos, até certo ponto com razão, que uma canção que se popularizasse facilitaria a carreira comercial da película a que pertencesse, trataram de meter canções em quase tôdas as películas. O repertório musical dos filmes nacionais é, hoje, vastíssimo, rico de trechos muito inspirados e quase todos conhecidos em todos os recantos do país. Alguns popularizaram-se de tal forma que, pode dizer-se, fazem hoje parte, como aquisições moderníssimas, da tradição coral da nossa gente.

Nem sempre vinham a propósito, estas canções... E às vêzes quando o engenho dos autores ou dos realizadores arranjava um "a propósito" lógico e aceitável para entrar a cantiga, mesmo assim aquêle não era suficiente para esconder o deslocamento do acidente musical, dentro do caráter da obra a que se tinha adaptado.

E' por estas e outras razões que, havendo muita música nos filmes portuguêses, não há muitos filmes que possam, com propriedade, chamar-se filmes musicais.

Entre êstes, além da "Severa", podemos citar "O Páteo das Cantigas", "O Fado", "Cantiga da Rua", "Capas Negras", "A Menina do Rádio", "Ladrão, Precisa-se". Cada um com seu ambiente, com o seu tipo de argumento, qualquer dêstes filmes tomou em consideração, como motivo fundamental, a atender no mesmo plano dos mais importantes, o programa musical que ia exibir, aliás defendido com a inclusão dos intérpretes apropriados.

Em "Páteo das Cantigas", além de vários atores cômicos, intervinham a grande atriz Maria das Neves que nas épocas de 1920 a 1930 popularizou algumas das mais célebres criações do teatro ligeiro português; Maria da Graça, célebre vedeta da rádio; Maria Paulo, cantora de mérito que saíu do cinema para o teatro ligeiro com grande sucesso, e ainda Laura Alves que então começava e é hoje uma das maiores vedetas do gênero musicado em Portugal.

Em "O Fado", o argumento era a história duma cantadeira, interpretado por Amália Rodrigues, considerada a primeira intérprete da popular canção em todos os tempos, e aliás, em certos episódios, mais ou menos romanceados, com características biográficas.

"Capas Negras" era também interpretado por Amália Rodrigues e por Alberto Ribeiro, cantor que na rádio e na opereta, em Portugal, e, ainda, no Brasil, onde tem atuado por diversas vêzes, e em Espanha onde foi, mais de um ano, primeira figura masculina da companhia de Célia Gamez, gosa de grande prestígio.

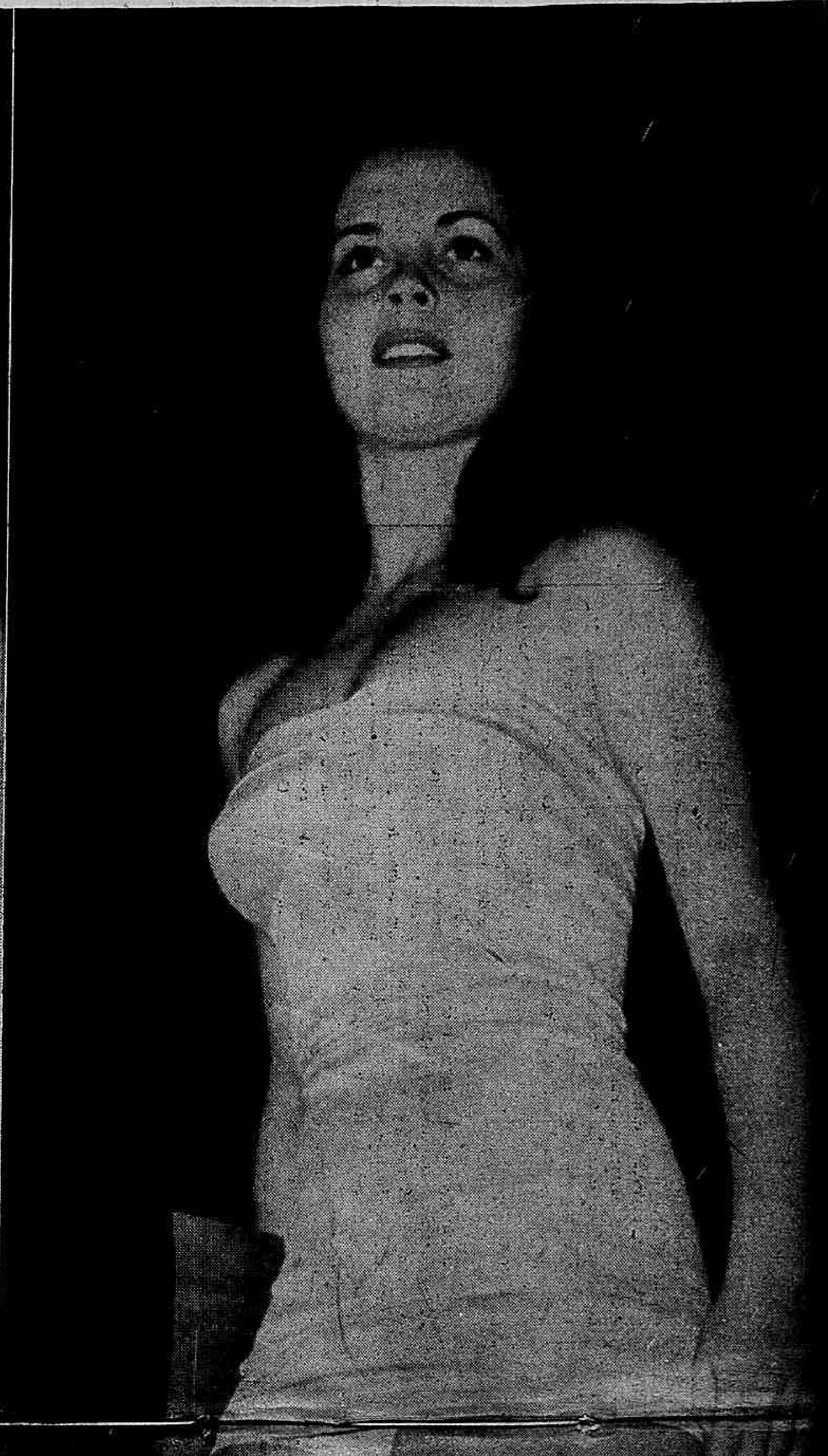
Foi ainda Alberto Ribeiro o protagonista do filme "Cantiga da Rua", episódio sentimental dum rapaz filho dum pequeno comerciante e com a vocação contrariada de ser cantor, pretexto para aquêle artista se exibir nos mais variados gêneros, com grande êxito, se avaliarmos pela expansão que ràpidamente alcançaram as canções desta película. Ao lado de Alberto Ribeiro, intervinham em "Cantiga da Rua", as cantadeiras Aura Ribeiro, irmã do protagonista e Deolinda Rodrigues.

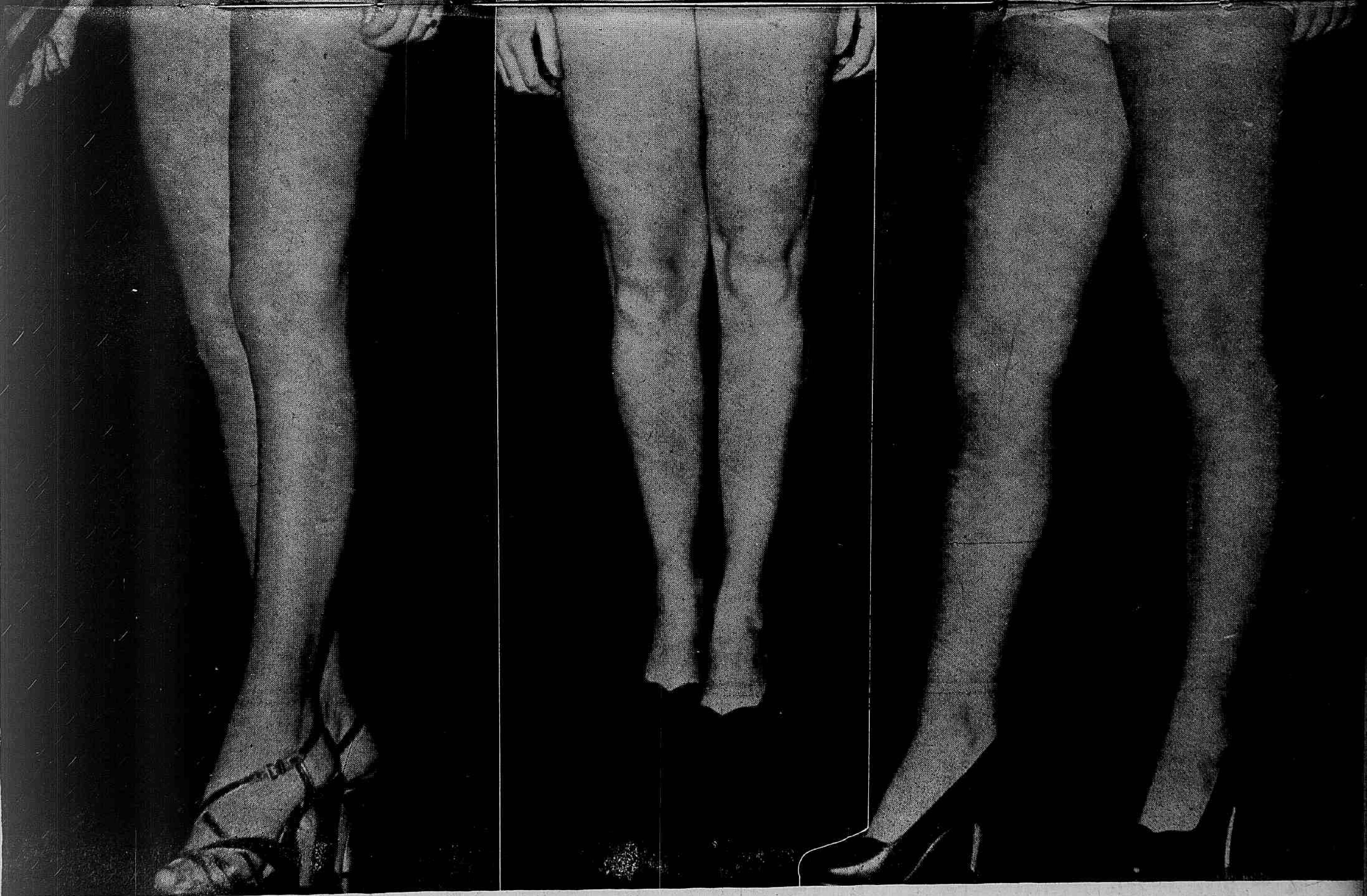
(Cont. na pág. 29)

RAINHA DA PRIMAVERA









EFETIVAMENTE, foi mais uma vez coroada de absoluto êxito a feliz iniciativa dos nossos colegas do "Jornal dos Esportes", em promover, anualmente, uma Olimpíada Feminina, denominada "Jogos da Primavera". Depois de obedecida a vasta e interessante programação, comportando as mais variadas modalidades esportivas, seguiu-se a escolha da "Rainha dos Jogos". E constituindo-se num legítimo espetáculo maravilhoso, desfilaram, ante um júri perfeitamente credenciado e de respeito e uma numerosa e seleta assistência, que superlotava tôdas as dependências do auditório da A. B. I., quinze lindas "estrêlas", representando clubes e colégios que participaram da grande Olimpíada Feminina. Processada a seleção, apurando-se inicialmente a beleza fisionômica de cada participante, classificaram-se nos três primeiros postos as jovens Carlota Waldeumair, Martha Abdalla e Jeanette Feudler. Em seguida, conheceu-se o resultado quanto à plástica das concorrentes que, mais uma vez, apresentou, nos dois primeiros lugares, Carlota Waldeumair e Martha Abdalla. Finalmente, foi dado a conhecer a eficiência esportiva de cada uma, aparecendo Maria Auxiliadora Varela em primeiro, conservando-se sempre em segundo lugar Martha Abdalla e, em terceiro, Itala Azevedo.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidr
mes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornado-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suro.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar.
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembolso
A venda nas boas Farmácias.



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

O QUE OUVIMOS



A. C.

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo

ARACI DE ALMEIDA

(Rádio Tupi)

A grande cantora brasileira, incontestàvelmente a maior expressão de nossa música popular, tem-se constituído em nosso rádio uma talentosa continuadora das mais velhas tradições do autóctone, dando-nos em cada gravação úma interpretação de alto valor artístico. Das últimas gravações e interpretações de Araci na G-3, destacamos "Isso não se aprende na escola", bonito e sugestivo samba da autoria de Haroldo Barbosa, cujas criações estão sempre tão ao gôsto do público.

Cotação artística: 4 — *Cotação comercial*: 4

★

"RÁDIO-FOLHETIM"

(Rádio Mayrink Veiga)

Não há dúvida de que Gilberto Martins provou, mais uma vez, sua capacidade para reerguer uma emissora que estava em descalabro artístico como a veterana PRA-9. Depois de um período angustioso, a Mayrink está-se levantando do ostracismo a que a tinha relegado a crise financeira e de ordem administrativa. Teve pulso o sr .Gilberto Martins para dar coesão a programação da Mayrink, introduzindo algumas radicais modificações, como a programação da madrugada e a diurna, ou seja, o "Rádio-Folhetim". O nosso rádio, depois das 13 horas, decai sensìvelmente de qualidade, para só se reerguer após o noticiário da Agência Nacional. O sr. Martins, na afirmação de que o "broadcasting" não tem boas ou más horas, porém bons e maus programas, deu uma feição completamente nova nos horários da tarde, com a série de audições endossadas em "Rádio-Folhetim", com a colaboração de quase todo o "cast" da A-9. O programa em questão desenvolve-se de uma forma alegre, despretensiosa, leve, bem escrita e delineada, com a publicidade bem entrosada, excelente parte musical. A audição parece um leque, pois suas atrações passam uma atrás das outras, ligeiramente, com o tempo ùnicamente necessário para a compreensão do ouvinte. De muito bom gôsto êste programa radiofônico no amplo sentido da palavra e bastante valorizado por uma sonoplastia adequada e convincente.

Cotação artística: 4 — *Cotação comercial*: 3½

★

"CINEMA E TEATRO EM REVISTA"

Manuel Jorge é um bom repórter-radiofônico e o seu programa vive quase que exclusivamente da movimentação dêsse meio de fazer rádio. De utilidade para quem gosta de acompanhar de "vivo" o cinema do nosso país e os acontecimentos ligados ao teatro ou à tela, a audição da Continental cumpre inteiramente com sua finalidade: ínformar e comentar as atividades artísticas do país. Escuta-se em cada programa uma reportagem original, bem movimentada, ressaltando o desembaraço e o interessante jôgo de perguntas do repórter. Apenas fazemos reparos à inexplicável inclusão da atriz Marly Sorel, como comentarista, sem vida nenhuma ao falar ao microfone, sem qualquer recurso de improvisação, o que forma um chocante contraste com a vivacidade de Manuel Jorge, que tudo faz para ajudar a "lourinha" com suas "deixas" pèssimamente aproveitadas pela mesma.

Cotação artística: 3 — *Cotação comercial*: 3

Locutores

A VOZ NO RÁDIO É O ELO DE LIGAÇÃO ENTRE A EMISSORA E O OUVINTE ★ A PUBLICIDADE E O VALOR DE UMA ENTONAÇÃO ★ NÃO É FÁCIL PRONUNCIAR CORRETAMENTE ★ A INFLUÊNCIA DO LOCUTOR SÔBRE O PÚBLICO ★ O EXEMPLO DE CÉSAR LADEIRA E' UMA AMOSTRA DE PERSONALIDADE E ACÊRTO.

de A.C.

NÃO há dúvida alguma de que a voz do locutor ou da locutora é elemento primordial de êxito do rádio, independentemente da qualidade e interêsse dos programas. Uma voz agradável e persuasiva, amável, bem timbrada, com abundantes e oportunas inflexões, cativa a quem escuta. E mais ainda, se a isto se acrescenta uma dicção clara, natural, com outra ênfase que a frase requer: um bom conhecimento do idioma, para expurgá-lo de indesejáveis estrangeirismos, e o conhecimento necessário de outras línguas, para pronunciar com desembaraço e sem afetação os vocábulos estrangeiros. A conquista do radiouvinte é uma coisa definitiva. As emprêsas bem que sentem o que significa e vale essa simpatia da voz, vestido de gala do pensamento; essa voz — cristal e cascavel, harpa e clarim — que empresta energia ao débil conceito, suaviza o rude de uma frase, desperta o interêsse com seu mistério, matiza e sublinha, suave de pausas intencionais e de salvadoras transições. Converte o árido no agradável, consegue que o maciço não pese e distraia ainda aos mais compenetrados com o tema; que o mel do escolhido nos diga e nos faça sentir que desejamos a chegada do dia seguinte para desfrutar novamente do regalo daquela voz, cujos últimos ecos vibram ainda em nossos ouvidos, como nos do califa oriental a voz da Sherazad, quando interrompeu seu conto na noite anterior.

Para não citar nomes, já sobejamente conhecidos, aludiremos à voz excepcional de César Ladeira, como nacional, e a de Martim Block, como estrangeiro (americano), grandes figuras de van-

CARLOS FRIAS
Voz que empolga.

OS QUE VIVEM POR UM FIO



CELSO GUIMARAES
Entonação açucarada.



AURÉLIO DE ANDRADE
Pronúncia correta.



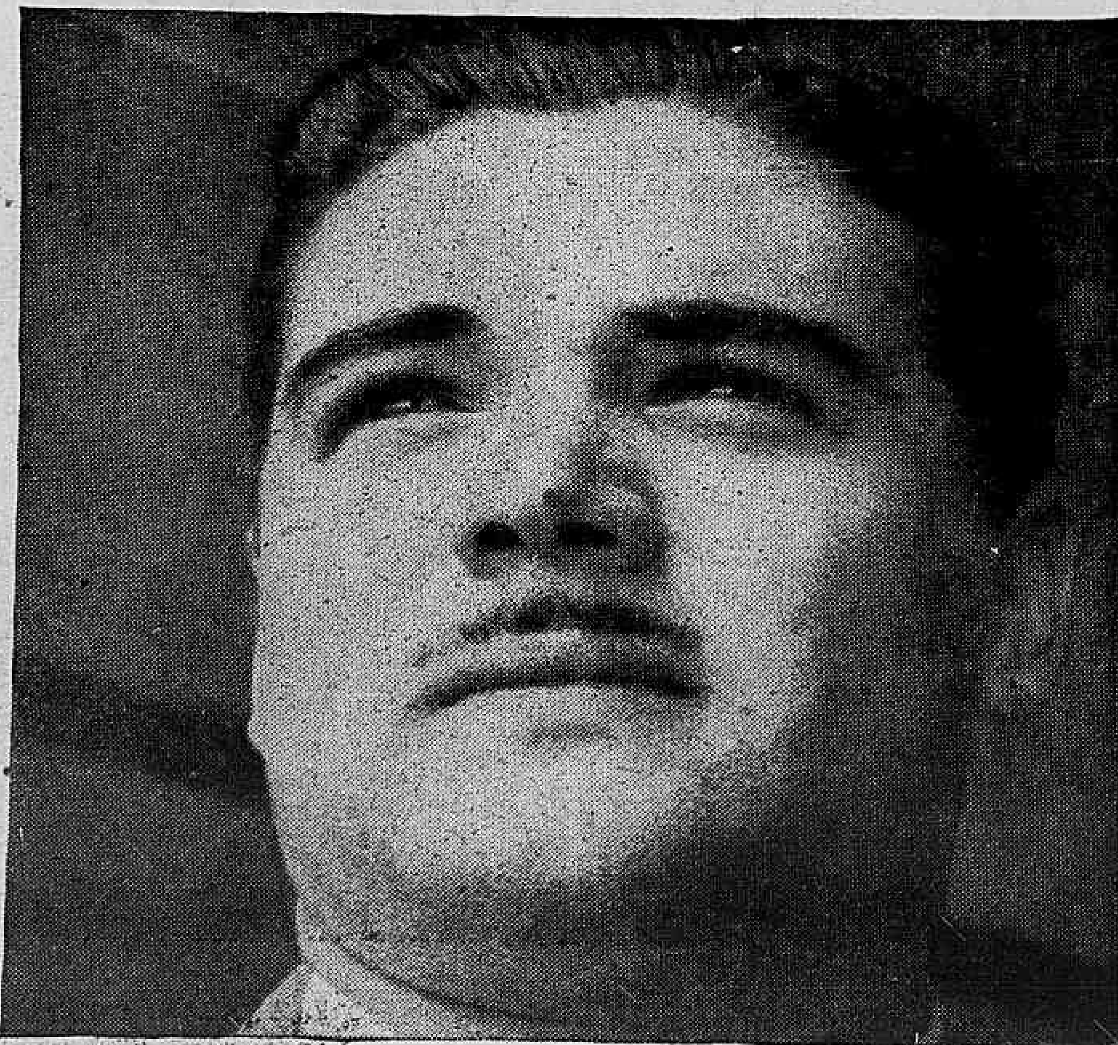
REINALDO COSTA
Propaganda bem lida.



LUIS JATOBA
O melhor narrador.



CÉSAR DE ALENCAR
Máquina de improviso.



HERON DOMINGUES
A intenção na notícia.

guarda entre os locutores do mundo e exemplo vivente do que pode a magnificência persuasiva de uma voz privilegiada. As fitas magnéticas se encarregarão de conservar para a posteridade, junto à voz de personalidades destacadas de tôdas as ordens, a dos locutores do rádio, tanto como a voz de veludo de Garcilaso e as de tantos outros eleitos das Musas, que não serão outra coisa, através dos anos, do que uma leve recordação escondida entre as páginas de um livro. Essas fitas são para a palavra falada o que os mármores e os bronzes são para a escrita: história e exemplo. Se a isto acrescentarmos a infiltração sem limites do rádio até às mais recônditas regiões do universo, justo seja que nos preocupe o aperfeiçoar, na medida do possível, a vocalização, as modulações, o ritmo. O pronunciar corretamente o "r" e o "l", sem incorrer em afetação, não é emprêsa fácil, se não fomos instruídos devidamente nos nossos primeiros anos para não cairmos no defeito de linguagem; e, entretanto, a fonética o exige, se queremos velar pela pureza do idioma falado. Tôdas estas considerações, e outras mais que calamos em virtude da falta de espaço, nos fazem pensar na possível conveniência de uns cursinhos ou conferências de divulgação — à falta de outros ensinamentos especialmente adequados — a cargo de competentes professôres. Os que aspiram o pôsto de locutor e mesmo os locutores em exercício, acolheriam esta iniciativa com agrado.

Sempre satisfaz retificar um êrro, corrigir uma má pronúncia, assimilar um bom ensinamento dos lábios de pessoas de autoridade, que nos transmitam seus conhecimentos e sua experiência de uma forma precisa, concreta, obrigado ao tema particular que nos ocupa, sem a aridez de uma complicada lição gramatical, fonética e filológica.

Nossos primeiros passos ao começar a falar ou ler — lá no despertar de nossa idade dourada — nem sempre são dados com felicidade. As circunstâncias mandam; existe alguma coisa de incerto em nossa iniciação. O trabalho do locutor, seus dotes de vocalista, seus acertos de expressão, a fidelidade na leitura, são fatôres que exercem notável influência no público. As emprêsas emissoras o conservam bem experimentado. Contamos, e não podemos duvidar, com um grupo de locutores excelentes; mas seria de desejar que a porta de acesso não tivesse que abrir-se para ensaios, mais ou menos afortunados, ainda depois de uma prévia seleção "entre bastidores" ou de um concurso, sem que os debutantes chegassem ao microfone com a preparação suficiente, em todos os aspectos, para conseguir o que se chama um êxito de público, em prol das emissoras, como demonstração da importância indiscutível de sua missão.



MANOEL BARCELOS
Animador de fibra.



CÉSAR LADEIRA
Suaviza a rudeza de uma frase.



RUBENS AMARAL
Personalidade definida.



FERNANDO JOSÉ
Onde reside o saber ler.





OSVALDO LUÍS
Voz bem timbrada.

RAUL BRUNINI
A correção em pessoa.



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE Cr$ **25,00**

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO

O DIA QUE A TERRA PAROU

CINE-ROMANCE

O mundo está alarmado. De um lado a outro da terra, radar e telescópios indicam a presença de um estranho objeto, correndo em nossa direção numa velocidade de 4.000 milhas por hora. Cientistas e militares concordam que se trata de uma nave do espaço, vindo de algum distante planeta.

Sôbre Washington D.C., um sussurrante som, que não era dêste mundo, aumenta e se transforma em terrível rugir, enquanto um gigantesco aparelho surge no espaço. O povo foge aterrorizado. O comentarista da televisão descreve o pânico, enquanto transmite a imagem da gigantesca embarcação aterrorizando suavemente sôbre a relva. E' um resplandecente disco de prata — sem janelas, portar ou qualquer abertura em seu contôrno. Durante duas horas ela se mantém imóvel, guardado por soldados e pela polícia, armada de tanques, artilharia e metralhadoras.

Finalmente, uma mágica bobina de arame desparafuza-se da parte superior da embarcação e uma rampa desliza ao solo. Um homem aparentemente humano, desce. Está vestido numa esquesita indumentária inteiriça e traz um capacete transparente, tendo sobreposta uma antena que escurece a sua face. E' Klaatu e diz em perfeito inglês: — «Nós viemos fazer-lhes uma visita de paz e boa vontade». Tira de sua blusa um estranho «telescópio», o qual, vêm-se a saber, é um presente destinado ao presidente dos Estados Unidos, a fim dêste estudar a vida nos outros planetas.

Mas um jovem segundo-tenente, julgando que o telescópio fôsse uma arma, tomado de pânico, atira contra Klaatu. No momento em que Klaatu cai ferido, um homem mecânico, com 2 metros e 60 de altura, surge da nave aérea. Numa imitação de homem, êle parece ser feito de metal «fluído». Seu único ôlho brilha como se fôsse iluminado internamente. E' Gort. Estuda a situação, volta o seu ôlho em direção a um dos tanques e o desintegra completamente com um simples golpe de vista. Faz o mesmo à artilharia e a cada rifle visível. As tropas fogem espavoridas. Gort sai em perseguição do jovem tenente e está quase a alcançá-lo quando Klaatu, reanimando-se, impede que êle prossiga.

Levado ao hospital Walter Reed, Klaatu pede para ver o presidente dos Estados Unidos. O secretário do presidente, Harley, visita-o. Klaatu lhe diz que estava viajando havia 5 meses, cobrindo uma distância de 250 milhões de milhas, a fim de falar com todos os leaderes da terra sôbre um assunto de grande importância. Misterioso, êle nada mais disse.

Harley, sorrindo amargamente, diz a Klaatu que as nações da terra não são suficientemente amigas para se sentarem à mesma mesa de conferência. Klaatu sugere um meeting com as Nações Unidas. Êle sabia da existência dessa organização e aprendera o inglês sintonizando os programas de rádio e televisão dos Estados Unidos. «Francamente», diz êle sorrindo, «nós estavamos convencidos de que nos primeiros dois anos de televisão», tudo que vocês faziam era lutar.

Harley lhe chama a atenção então, para o fato de que as Nações Unidas não representam tôdas as nações. Klaatu pede então que se reunam todos os chefes de estado, acrescentando: «O futuro de seu planeta está em perigo».

Nesse interim, um major-general e um mestre-sargento de engenheiros, armados de uma lâmpada de acetileno e de um diamante, sondam a nave do espaço. Nada consegue cortá-la e esta, novamente, não apresenta nenhum sinal de abertura em sua superfície, nem mesmo para a rampa. Gort, o homem metálico está perto, imóvel, aparentemente indiferente às dificuldades dos dois, em solver o enigma.

No dia seguinte, no hospital, um capitão e um major se sentem como frustados quando Klaatu, que tem a aparência juvenil, lhes diz que tem 78 anos de idade e que o limite de vida em seu planeta é de 130 anos. Mais assombroso ainda, o major White lhes diz que o ferimento no ombro de Klaatu, do qual êle removera uma bala, na véspera, está completamente sarado e que Klaatu o curara com algum misterioso remédio.

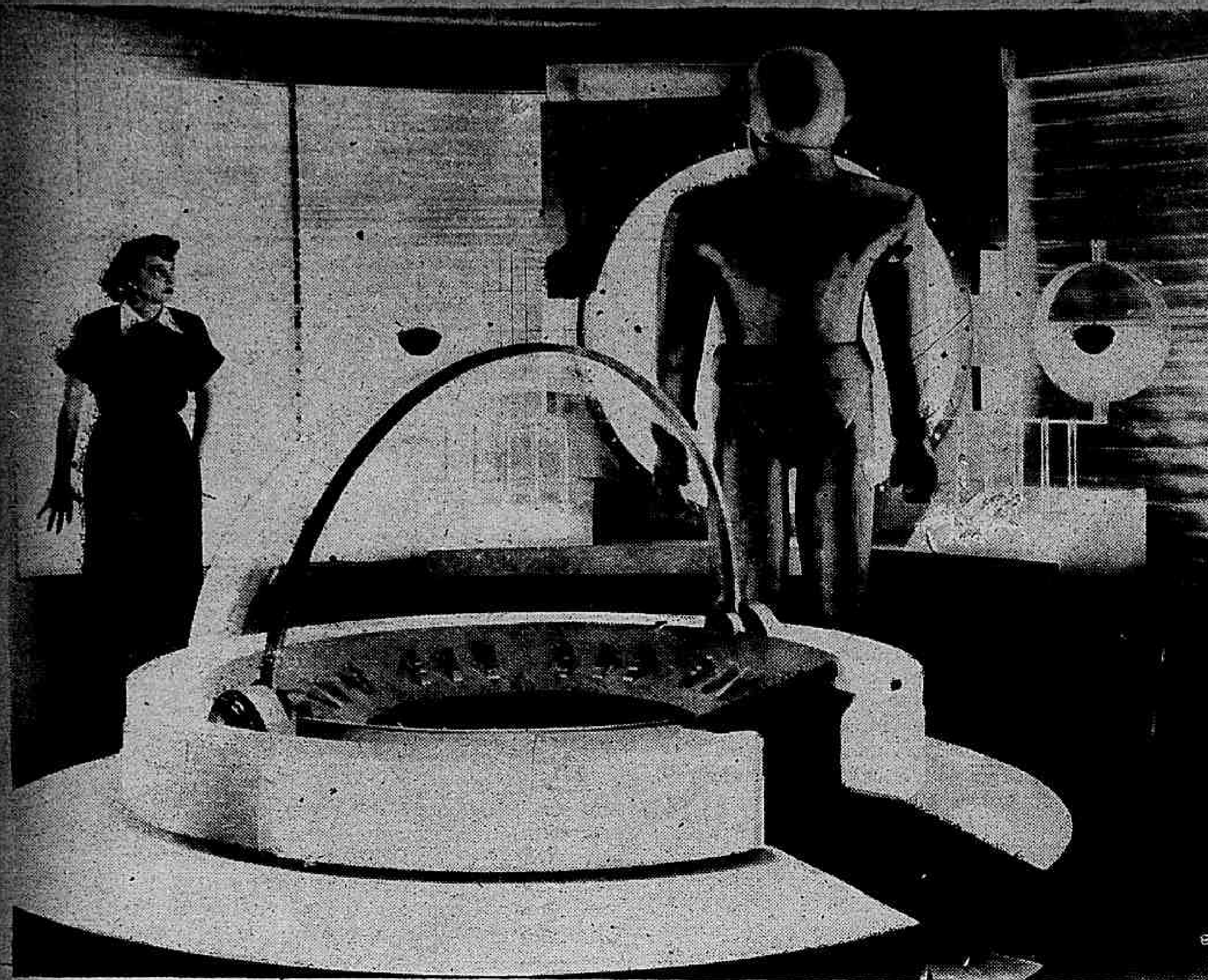
Utilizando-se de seu poder super-humano, Klaatu sai do hospital. Êle quer se mover entre as criaturas terrestres, a fim de compreender a sua teimosia em não querer vê-lo e encontrar em fim meios de reuní-los. Está agora usando roupas «terrestres». Notando que a roupa que êle furtara traz o nome de «Carpenter», êle adota êsse nome e vai morar numa pensão.

Aí trava relações com a atrativa Helen Benson, uma viúva de guerra, e o seu filho Bobby, de 11 anos de idade, como também com Tom Stevens, o desagradável noivo de Helen.

Um domingo, quando Helen e Tom desejam sair, Klaatu se oferece para ficar com Bobby. Bobby leva-o para dar uma volta em Washington. Êles visitam o navio aéreo, que se acha isolado da multidão, por cordas e Klaatu provoca risadas aos espectadores quando êle, sem pensar, começa a explicar o intrincado mecanismo do mesmo a Bobby. Bobby gosta dêle porque acha-o meio «gira» e Klaatu confirma êsse conceito em que o garôto o tem, levando ao Professor Barnhardt, reputado como o maior cientista do país e presentemente trabalhando num secreto projeto do exército. Klaatu deseja de Barnhardt a sua colaboração na explicação, ao povo da terra, da gravidade de sua missão.

O professor está ausente. Num quadro negro há uma complicada equação do mecanismo celestre. Klaatu vê de relance que a mesma está errada em diversos pontos. Faz algumas correções que deixa como «cartão de visita» e asse-





gura a uma secretária de que o Professor Barnhardt desejaria vê-lo. A secretária notifica imediatamente o exército dêsse irregular incidente e lhes dá o endereço de Mr. Carpenter.

Continuando o seu passeio, Klaatu e Bobby passam pelo cemitério de «Arlington», onde o pai dêsse último está enterrado. Klaatu declara que no lugar de onde êle viera não havia lugares com êsse... «Nós não temos guerras», diz êle.

Klaatu deseja ir a um cinema mas, naturalmente, não tem dinheiro. Êle tira duas grandes pedras semelhantes a brilhantes de seu bôlso e as vende a Bobby pelos seus dois dólares semanais.

Quando chegam em casa, um detetive está esperando Klaatu, que é levado à polícia, onde uma batida geral, em procura do «homem do espaço», está em andamento. O tenente encarregado fica impaciente com as fracas explicações de Klaatu e dá ordens para que êle seja detido. Nesse momento um tenente do exército e um capitão do MP interceptam-no e levam Klaatu ao professor Barnhardt. Klaatu explica o problema do quadro negro ao estupefato professor, que compreende que está lidando com um superior intelecto. Êle explica a sua missão. Seu planeta teme que as experiências da terra, com energia atômica e foguetes, a levem à agressões interplanetárias pela nossa «ainda não desenvolvida civilização». «Tivemos guerras atômicas há milheres de anos passados», diz êle, «depois disso lutamos com arco e a flecha. Então, vagarosamente, aprendemos que guerrear não é uma solução».

Klaatu se prontifica a demonstrar seus poderes sobrehumanos, como meio de dramàticamente impressionar as nações quanto à importância de sua missão. Não diz porém de que sua demonstração iria consistir. Se êle falhar em colocar o mundo em linha, acrescenta, a terra terá que ser eliminada. «Tais poderes existem».

O professor Barnhardt promete uma reunião para o dia seguinte, com algumas das mais desenvolvidas mentes de algumas nações, no hangar construido às pressas, para abrigar a pôderosa nave.

Nessa noite Klaatu sai furtivamente da pensão, seguido, sem que êle veja, de Bobby. Vai ao hangar e faz um sinal a Gort, com uma luz. Despertando do sono mecânico, Gort se dirige à porta e subjuga dois guardas. Klaatu entra na nave e começa a mexer nos controles elétricos, falando misteriosamente num microfone em estranha linguagem. Amedrontado, Bobby corre para casa.

Bobby conta a sua mãe e a Tom o que presenciara. Não acreditando nas palavras do garôto. Tom vai ao quarto de Mr. Carpenter e dá com a vista num dos diamantes do homem do espaço. Bobby gagueja que Klaatu possuia muitas e apresenta as duas que êle comprara.

No dia seguinte, Klaatu procura Helen no escritório em que ela trabalha, explicando que conversara com Bobby antes do menino ir para a escola. Diz que tem um motivo especial para saber o que Bobby lhe contara. E' meio-dia, hora do almôço, êles saem e entram num elevador. Êste pára sùbitamente entre dois andares. Ao mesmo tempo as luzes se apagam. Helen procura acender uma pilha que trazia na bolsa, mas essa também não funciona. Calmamente, Klaatu lhe diz que êles terão que esperar 30 minutos. «Você vê», lhe diz êle, «a eletricidade foi neutralizada no mundo inteiro».

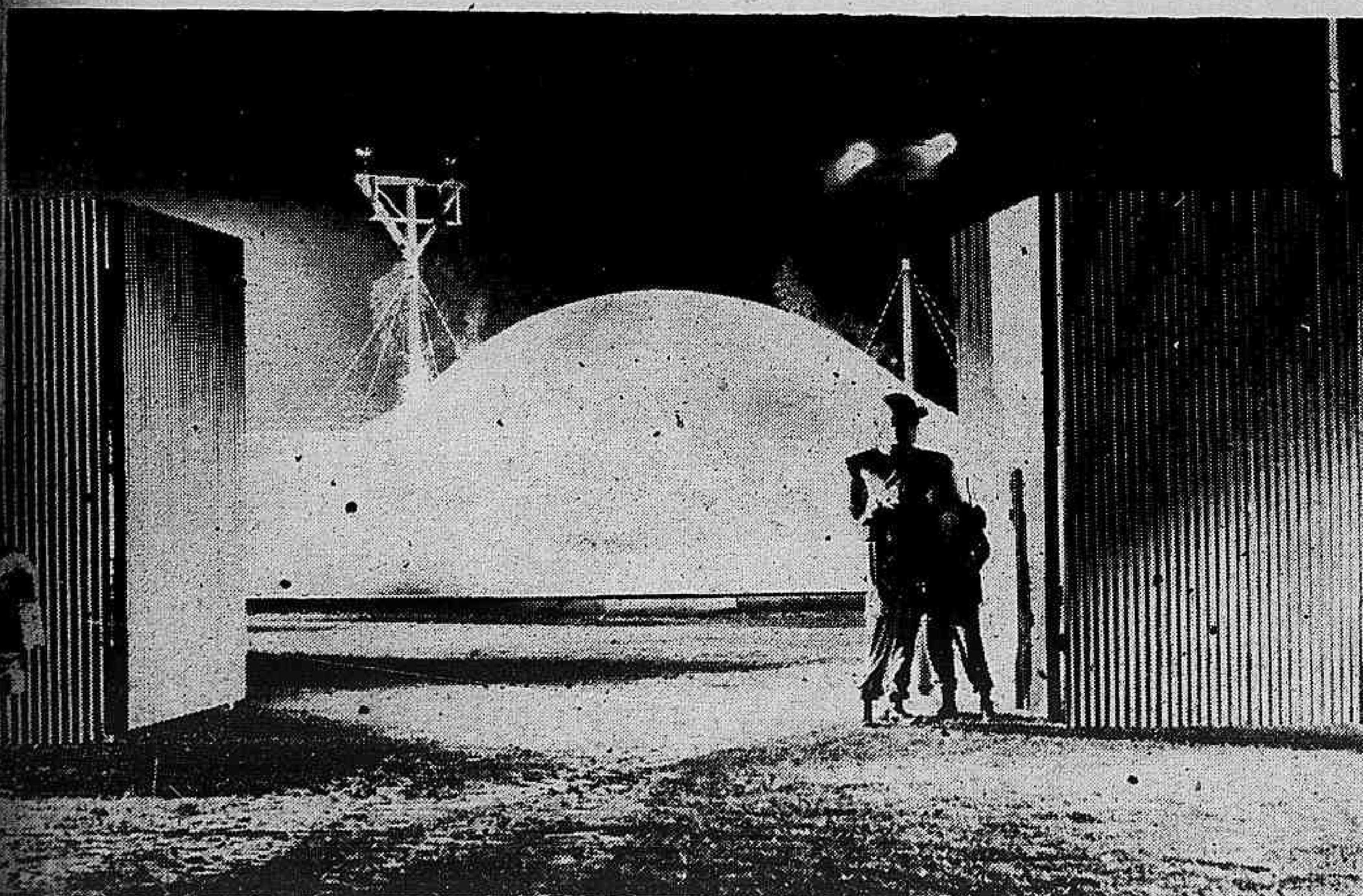
Realmente, assim havia acontecido. De Moscou a New York, de Londres à Praça da Concórdia, a história era a mesma. Automóveis, bondes, elevadores, tudo que era elétrico ou controlado pela eletricidade, exceto aviões em vôo ou equipamento vital de hospital, tudo parara como na morte.

O Professor Barhardt está satisfeito. Mas em Pentagon, um general confiou a oficiais de alta patente que o presidente está disposto a declarar emergência nacional. Um coronel Ryder, do corpo de engenheiros, declara que, tendo sido descoberto que Gort saira da nave, tinha sido êle aprisionado num bloco de KL-93, um novo material plástico mais forte do que o aço. Com

E L E N C O :

Klaatu	MICHAEL RENNIE
Helen Benson	PATRÍCIA NEAL
Bobby	BILLY GRAY
Tom Stevens	HUG MARLOWE

Produção: Julian Blanstein — Um filme da 20th Century Fox.
Direção: ROBERT WISE



Gort fora de campo, o general ordena que Klaatu seja capturado vivo ou morto.

Enquanto isso, numa joalheria Tom manda avaliar o seu diamante. «Não existe igual no mundo» diz o joalheiro. Tom tem assim a certeza de que Mr. Carpenter é realmente Klaatu e idéias brotam em seu cérebro.

Da maneira súbita com que o elevador de Klaatu e Helen parára, se põe novamente em movimento às 12,30, no momento em que a eletricidade em todo o mundo torna a voltar. Klaatu explica à Helen a importância de não ser capturado antes de se realizar o meeting. Helen confia-lhe que Tom desconfia de sua identidade. Enquanto Klaatu vai para casa se esconder, ela corre ao escritório de Tom e implora que nada diga. Êle recusa, pois, entregando Klaatu às autoridades, pode se tornar um herói nacional. Zangada, Helen desmancha o seu noivado, sai às pressas e chama um taxi. Nesse interim Tom telefona ao General Cutler e lhe diz onde Klaatu pode ser encontrado.

O taxi de Helen corre para a pensão. Ela entra correndo e faz Klaatu seguí-la. Enquanto êles fogem em disparada, chegam os soldados. Uma perseguição começa. Klaatu receia que, se êle fôr morto, Gort, em desforra, destrua a terra. Êle encarrega Helen, de uma importante mensagem: Klaatu barada nikto» — que deverá ser transmitida a Gort, si algum mal lhe acontecer. Bloqueados numa rua, Klaatu tenta fugir saltando do carro mas é ferido mortalmente à metralhadora e suas últimas palavras são para lembrar à Helen que transmita a sua mensagem.

No meio dessa exitação, Helen consegue chegar, onde se encontra a nave do espaço. Aí o gigante metálico está de pé, encerrado num sólido bloco de claro e transparente material plástico. Ouve-se um ruído como se energia elétrica se tivesse produzindo e um fraco brilho sai do corpo de Gort. Seu ôlho se transforma assustadoramente. O ruído aumenta. A matéria plástica começa a se derreter. A cabeça de Gort está livre. Dois soldados avançam para êle, porém são desintegrados por faíscas de luz projetadas de seu único ôlho. O material plástico de suas pernas começa a se derreter. Êle se move em direção de Helen. Ela desmaia. Gort se apodera dela ameaçadoramente, no momento em que ela volta a si. Frenèticamente ela balbucia a mensagem de Klaatu. Êle a levanta e leva-a à nave do espaço. Aí êle começa a sacudir e a mexer nos controles. No mesmo instante abandona a nave, deixando Helen dentro, horrorizada com os ensurdecedores ruídos e faiscas luminosas.

Na polícia, um coronel, que estava encarregado de prender Klaatu, está falando no telefone com o General Cutler, dando conta de sua missão e dizendo que Klaatu está morto. No momento em que êle está falando, Gort chega ao edifício, arrebentando barras de ferro, derrubando paredes e leva o corpo de Klaatu para a nave do espaço. Tiros partem sôbre êle, porém seu corpo de metal devolve as balas que mais parecem uma chuva de granito caindo sôbre um telhado.

De volta à nave, Gort remexe nos quadros de controle; prende eléctrodos nos pulsos e tornozelos de Klaatu e lhe dá um hipodérmico. Klaatu revive justamente quando o professor Barnhard anuncia à assembléia dos dignatários que o meeting teria que ser suspenso, em vista da morte de Klaatu. Êste, Helen e Gort estão apreciando os acontecimentos de dentro da nave, pois, graças ao poder de que Klaatu é dotado, as paredes da nave se tornam transparentes para quem está do lado de dentro. Numa ocasião dramática do discurso do professor, Klaatu desce a rampa.

Em sóbrios e dignos tons, Klaatu diz às pessoas reúnidas que «o universo se torna cada vez menor» e a ameaça de agressão de qualquer grupo — em qualquer parte — não poderá ser mais tolerada». Êle continua explicando que os planetas exteriores tem as Nações Unidas num «Nivel Planetário» com autoridade para reforçar a paz, investida numa raça de bonecos metálicos iguais a Gort, que fôra criado justamente para êsse fim. «O resultado é que vivemos em paz. Sua escolha é simples. Juntem-se a nós e vivam em paz. Ou prossigam no presente curso e enfrentem a destruição».

Sùbitamente, sob uma ordem de Klaatu, Gort desintègra o teto do hangar. Helen e Barnhardt dizem adeus, enquanto a nave sobe no espaço, com um ensurdecedor rugir. Enquanto êle voa muito alto na escuridão, as faces dos delegados refletem a gravidade de seus pensamentos.



PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

A MENTIRA DE MARLY

A ninguém é licito mentir. A mentira é um crime. Como todos os crimes tem a sua gravidade relativa mas, não deixa de ser um crime.

Marly é casada há três anos. Jovem espôsa de funcionário público, vive, com o seu marido, vida tranqüila e calma, a que ela chama "vida desinteressante", porque tem ausência de aventuras e de sofrimentos. Marly vai muito a cinema, lê romances de amor e ouve novelas pelo rádio.

Escreveu-nos um longo relatório de sua vida, com pedaços de "diário" e uma carta, cujo trecho mais interessante vamos transcrever:

— "...Humberto é sempre igual: levanta-se à mesma hora, almoça exatamente às dez e meia, volta às dezenove horas e dorme, invariàvelmente, às vinte-e-duas horas e meia. Não discute o que quer que eu faça nem me faz elogios de qualquer natureza. E' calmo e muito delicado. Sei que me ama e que difìcilmente, passaria sem mim. Sei porque o conheço há seis anos; mas nunca mo disse. Quando acaba de jantar e não vai ao cinema, ouve rádio ou trabalha, no serviço de que traz da repartição, até à hora de dormir.

E' horrível, não acha, doutor?..."

— Sim, Marly, é horrível, não o que o Jorge faz, porém o que você deixou de fazer para despertar em seu marido o desejo de realizar algo diferente.

Leia e medite as palavras de outra carta que recebemos duma senhora como você, casada com um homem como o Jorge:

"... éramos felizes nos dois primeiros anos de casados. Roberto chegava em casa à hora certa; jantávamos e saíamos juntos ou permanecíamos em casa, ouvindo rádio, na tranqüilidade do lar. Agora, Roberto janta com amigos, freqüenta as "boites" e clubes. Leva-me com êle, na verdade, mas, nesses lugares, reunimo-nos a outros grupos. Aí está o pior: todos bebem e dançam. Roberto me elogia e, à minha frente, elogia outras mulheres..."

Contrasta, pois, a sua atitude com a da autora da carta que acabamos de transcrever. Dirá você, Marly, que a outra espôsa, no seu egoísmo, lamenta a parte que corresponde ao meio social e que proporciona gostos, satisfações e comodidade ao marido.

E' imprescindível compreender e atuar no sentido de renovar no Jorge o entusiasmo de ántes; não porém em criticar-lhes os atos honestos e simples de homem caseiro. Você não diz, em sua carta e relatório, porque não tem filhos. Neste mundo atribulado por causa de inquietações várias, os filhos formam um oásis abençoado por Deus. Surgem, com êles, preocupações novas e planos novos, com seu labor incessante e fecundo, baseado no amor ao dever e à verdade, único capaz de construir para a eternidade, mas com êles, renova-se a felicidade.

Você diz em seu "diário" que tem mentido ao Jorge. Não o repita. Lembre-se de que a mentira é um crime; não se pode construir a felicidade sôbre os alicerces frágeis da mentira.

COUPON
Nome: ....
Pseudônimo: ....
Data do nascimento ....
Estado civil: ....
Profissão: ....
Residência ....

CORRESPONDÊNCIA

Tanira, Deleilah, Indecisa, Josélia — D.F. — Meu consultório é à Rua Senador Dantas, 76-4º andar. Estarei à espera, das dezesseis às dezoitos horas, às segundas, quartas e sextas-feiras.

Pierre — Você não tem razão. Procure sua noiva.

Justo — Continue procedendo assim.

Marieta — E' preciso ler e acompanhar a carreira de seu marido.

★

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:

Dr. LUÍS FRAGA

Redação de A CENA

Rua Visconde Maranguape, 15

Seção "Problemas Humanos"

Rio de Janeiro

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de música de São Paulo

PORTUGAL

(Cont. da pág. 17)

Em "Menina da Rádio" a vedeta era Milu, estrêla da rádio que alcançou grande popularidade em Portugal, e a seu lado atuava, como galã, o cantor radiofônico Curado Ribeiro. Como pelo título se poderá fàcilmente deduzir, eram os meandros dos postos emissores e os seus programas que forneciam a nota dominante do ambiente da película.

Foi, no entanto, "Ladrão, Precisa-se" o filme que mais diretamente, embora em moldes muito originais, procurou realizar integralmente o seu programa de película musical. Com efeito, tôda a ação, principalmente localizada num colégio de meninas de sociedade, gira à volta dos preparativos duma festa. Entre ensaios e espetáculos, os números cantados e dançados sucedem-se. O final, num grande baile particular, culmina com o "clou" do filme: uma sessão em que dezenas de pares, para concluir a caricatura dos hábitos americanos levianamente importados que era tôda a película, terminam a dançar furiosamente "jaz" numa seqüência cheia de ritmo, de cômico e perfeitamente realizada e interpretada. Maria da Graça, Gina Bonotto, e muitos elementos que hoje figuram entre colaboradores de mais relêvo do "Hot Club de Portugal" desempenhavam os papéis musicalmente mais importantes do filme. ....

UM GAÚCHO . . .

(Cont. da pág. 11)

lhe um convite para gravar. E' que a sua voz vem agradando em cheio. E Carrié, interessado em colocar sua voz na cêra, já escolheu os dois números que marcarão seu debut no mercado de discos.

Espírito prático, sem alimentar ambições e sem menosprezar aquêles que, a seu lado, contribuem para o êxito da programação de estúdio da Rádio Nacional, Carlos Carrié aproveita as horas em que está distante do microfone para dedicar-se às funções de assistente do diretor de uma das autarquias.

Assim, sabendo aproveitar o tempo, o artista que venceu pelo seu valor e pela sua capacidade de interpretar o cancioneiro internacional se um elemento útil aõ próprio meio que escolheu para viver.

ESTÁ À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE NOVEMBRO

QUEM SERA'?

O CÉLEBRE

CAPITÃO ROB

UM PERSONAGEM AINDA DESCONHECIDO NAS AMÉRICAS. ÓTIMOS DESENHOS. HISTÓRIAS SENSACIONAIS. SERÁ LANÇADO PARA O PÚBLICO BRASILEIRO NA

REVISTA DA SEMANA

DE 1 DE DEZEMBRO PRÓXIMO. NÃO ESQUEÇA: VEM AÍ O

CAPITÃO ROB

ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 17)

trio de jovens que começaram a trabalhar ao mesmo tempo que Ann e foram posteriormente "stand-in" da "estrêla", sucumbiu finalmente ao matrimonio.

Ann, que terminou recentemente sua atuação na película Universal-International "Agonia de uma vida" (Thunder on the Hill), na qual aparece ao lado de Claudette Colbert, teve notícia de que Joan Ellis, que foi sua "stand-in" durante quase todo o ano passado, se havia casado com um tenente da armada norte-americana.

As duas anteriores "stand-ins" da atriz, Dorothy Louis e Bettina Stokes, contrairam núpcias faz já dois anos. Ann Blyth no entanto, disse que ainda não encontrou o principe encantado, que há de no entanto, reinar em seu coração.

PETER LAWFORD

(Cont. da pág. 13)

quanto a clássica. Sua preferência com respeito à companhia feminina varia entre "louras e morenas", embora obrigatòriamente.

Dados pessoais: Nome de nascimento: Peter Lawford; altura: 6 pés; pêso: 165 libras; cabelos: castanho claro; olhos: azuis.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUES por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

O PREÇO DESTA REVISTA É O QUE ESTA MARCADO NA CAPA. OS AGENTES RECEBEM COM DESCONTO PARA QUE O PREÇO SEJA RESPEITADO.


Lena Horne

Melodias para VOCÊ

MÚSICA BRASILEIRA

FEITIO DE ORAÇÃO

(Samba)

De Noel Rosa — Gravação de Aracy de Almeida

Quem acha
Vive se perdendo
Por isso agora vou me defendendo
Da dor tão cruel de uma saudade
Que por infelicidade meu pobre peito invade
Por isso agora,
Lá na Penha vou mandar minha morena
[p'ra cantar
Com satisfação
E com harmonia
Esta triste melodia
Que é o meu samba
Em feitio de Oração.

Batuque, é um privilégio
Ninguém aprende sambar no colégio
Sambar é chorar de alegria
E' sorrir de nostalgia
Dentro da melodia.

★

EU SEI QUE ÊLE CHORA

(Baião)

De Nestor Holanda e Ismael Neto — Gravação de Neusa Maria

Ontem a noite
Meu bem foi embora
Mais eu sei
Que êle hoje chora
A quem ama
Com sinceridade
Não se faz
Tamanha crueldade.

No entanto
Eu só merecia
Amor e dedicação
Era só dêle meu coração
A quem ama
Com sinceridade
Não se faz
Tamanha crueldade
Samba estilizado de

O TUBARÃO

(Frevo-Canção)

De Levino Ferreira — Gravação de Carlos Galhardo

Bis {
Já, não sobra um só tostão
P'rá brincar o carnal

Foi o mestre TUBARÃO
Quem causou todo êste mal.
}

Coro {
Tudo sobe! Tudo sobe!
Não há jeito de baixar...
Nem o pão nem o café
}

Bis Ninguém pode mais comprar.

Bis {
Mas que importa a carestia
Se a garôta cai no "passo!..."

Vou dançar que me esbagaço
Mesmo assim sem fantasia.
}

★

SUSPIRO QUE VAI E VEM

(Baião)

De Manèzinho Araújo e Ismael Neto — Gravação de Marlene e Ivon Curi

Suspiro foi... voou além...
Levou recado
Magoado
De quem quer bem
Suspiro vem...
Recado traz
Do meu amô,
Distante,
Que boa ausência faz.

Bis {
Tra-la-la-la-la-la-la
Tra-la-la-la-la-la-la
La-la.
}

Bis {
Ai, ai, ai
Suspiro que vai e vem...

D'outra feita, meu suspiro,
Você vai, eu vou também!
}

A PEDIDOS

NOSSA MELODIA

(Samba-Canção

De Roberto Martins e Ary Monteiro — Gravação de Gilberto Alves

I

Lembra-te de nossa melodia
Quando o nosso amor foi tão feliz
Dos beijos que trocamos nesse dia
Ao ritmo dos versos que te fiz
Lembra-te de nossa melodia

E de tôdas as coisas que ela diz
Eu ainda trago no meu peito
Lembranças dêsse amor que foi des-
[feito

Lembra-te que sonhamos neste dia?
Ou não te lembras mais da nossa
[melodia.

CARTAZ DO MOMENTO



Angela Maria

SABES MENTIR

(Bolero)

De Othon Russo — Gravação de Angela Maria

Sabes mentir
Hoje sei que tu sabes sentir
Um falso amor
Abrigaste meu coração
Sempre a iludir
Tu falavas com tanto ardor
Dessa paixão que dizias sentir.

Mas tudo agora acabou,
Para mim terminou a ilusão
Hoje êsse amor já findou
E afinal para que amar!
Sempre a iludir
Tu beijavas com afeição
Sempre a fingir uma falsa emoção.

SOU FELIZ

(Samba)

De Augusto Mesquita e Ary Monteiro — Gravação de Angela Maria

I

Sou bem feliz com meus trapinhos,
Graças a Deus!
O confôrto dos arminhos
Não resume os sonhos meus...
Os anseios mais sagrados,
Que contive no amargor
De ver teus lábios manchados
Do "Baton" de um outro amor!

II

Não tendo nada,
Não estou arrependida,
Eu entendo assim a vida,
Só entendo o mundo assim!..
Não tendo nada
Me conforta um pensamento:
— Ainda tenho sentimento,
Isso é tudo para mim!





acaba com as Brotoejas


JOÃO FREY

O QUE VIMOS *na Tela*

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo.



MAYA, A DESEJÁVEL
(*Maya — Art-Films*)

EM verdade, pode ser que Maya (Viviane Romance) seja uma mulher desejável, mas que a fita é o inverso, lá isso é que é. Trata-se de uma história mal feita, ridícula, sôbre uma mulher de vida fácil. Mal cenarizada e mal dirigida, provoca, por vêzes, gargalhadas. Marcel Dalio, um grande ator, sem dúvida, está desperdiçado. Viviane, bonita, sensual, parece que não envelhece. Uma película fraca do cinema francês.

Cotação artística: 1 — Cotação comercial: 2



ADEUS, MEU AMOR
(*Goodbye, my Francy — Warner*)

PREFERIMOS Joan Crawford no drama. Ainda assim, não conseguimos identificar o gênero desta fita. Ela não se define. Há momentos de pseudo-humorismo e há momentos piegas, dignos de um Clarence Zrown decadente. Contudo, muita gente se interessa pela história da mulher que tenta reviver um amor de há vinte anos atrás. Imaginem Crawford amando Bob Young, ambos velhinhos, como duas crianças. E Frank Lovejoy para atrapalhar. E como atrapalha...

Cotação artística: 1 1/2 — Cotação comercial: 2 1/2



MÁSCARA DE UM ASSASSINO

(*Portrait d'un assassin — Art-Films*)

COM uma cinegrafia de primeira linha, esta fita consegue não só ser artística como agradável ao público. A vida nos bastidores de um circo, oscilando nas rodas de uma motocicleta, que carrega também dramas humanos, está realmente bem narrada. Os personagens estão bem marcados, especialmente Marcel Dalio e Erich Von Strohein.

Colação artística: 3½ *Colação comercial*: 3



O GRANDE CARUSO

(*The Great Caruso — Metro*)

A vida de Caruso, um tema interessante, foi desperdiçado pela Metro. E seus produtores bem sabiam que não estavam realizando nenhuma obra de arte. Sapecaram um milhão de melodias, vestiram Mario Lanza à antiga e apertaram seus pulmões. Pintaram tudo com lápis de côr e lançaram um concurso de repercussão mundial. Uns acham um droga; outros aplaudem.

As palavras e o seu significado

Melhor e Pior; — Tule, Tumeficação, Tolhido; — Ne quid nimis, Nictápole, Nimiamente, Nímio; — Poliarquia, Policitação, Policroismo, Polifarmácia, Polifonia, Poligrafia, Polisarcia; — Mãe.

Contos, lendas, narrativas históricas e novelas infantís

Benvenuto Cellini; — O Príncipe Futuroso e o Cão Falador; — Os fantasmas de Woodaway Manor; — As formigas; — Última corrida de touros...; — extração sem dor; — O bilhete de Loteria; — Tannhauser; — Moeda original; — O tráfico de pérolas nas ilhas do Pacífico; — A Primeira do "Barbeiro de Sevilha"; — Uma velha porcelana chinesa; — Mademoiselle Caroline não terminou a lição de piano; — Julieta; — A história de Sarah Hyslop: — O essencial é ser honrado; — UM ROMANCE COMPLETO — "A Estrêla da Manhã", de Robert Nathan.

Percorrendo o mundo

Egito; — Nova Zelândia; — África Oriental Portuguêsa; — Andorra; — Terranova; — Baleares; — UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR — "A Pesca do Herói", de Percival Wilde.

Pensamentos

Andácia; — A preocupação; — A Vaidade; — Amor e casamento; — Os Bens; — As mulheres segundo opinam os homens.

Informações úteis para o lar

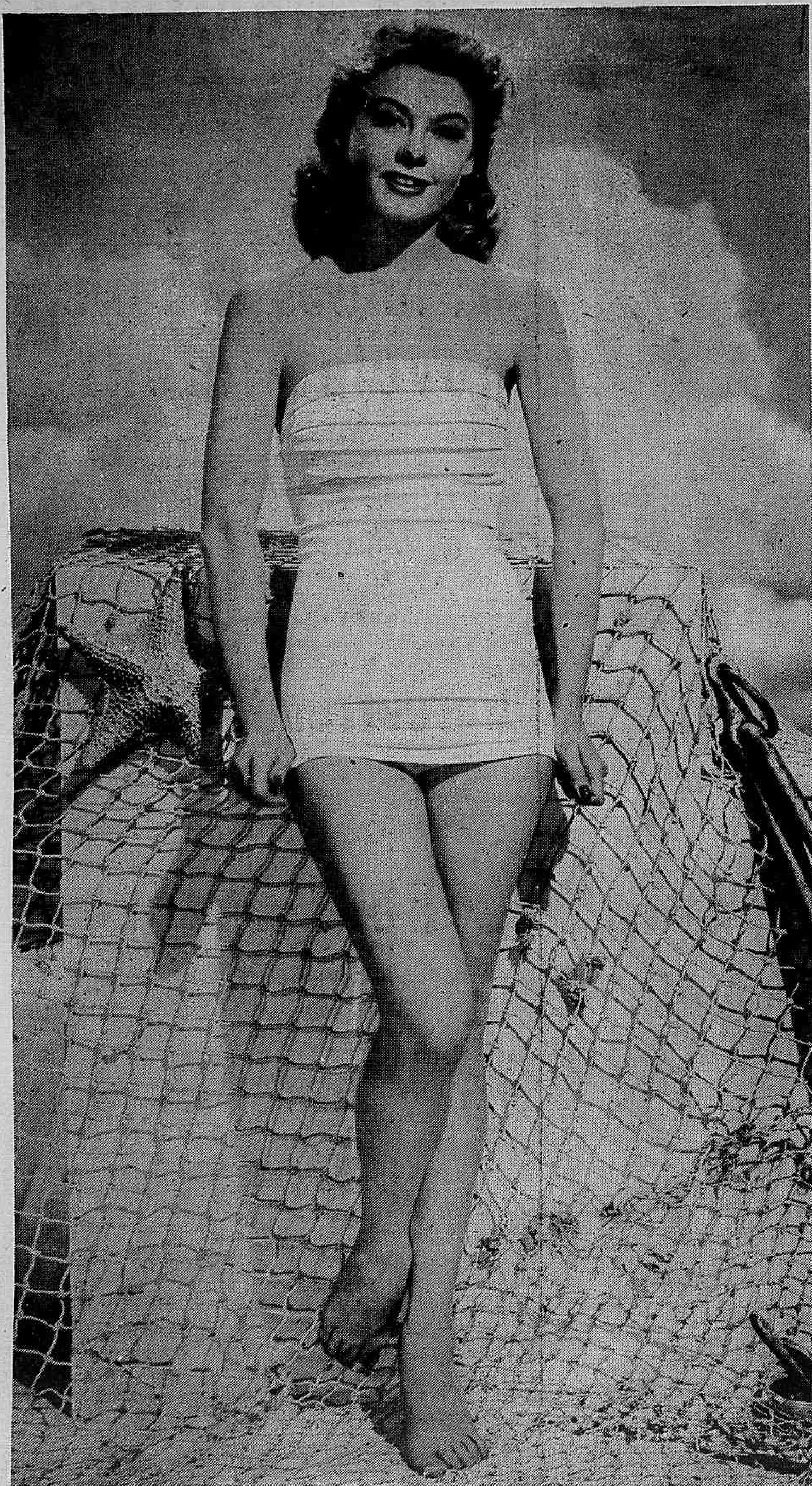
Para o seu jardim; — A manteiga; — Escapamento de gás; — Manchas de óleo; — As flores; — A carne magra; — Os ovos; — A maçã, os vidros, os caramelos; — As frutas, a maionese; — O chocolate, o saleiro, os pentes, o couro velho; — O porta-chaves; — As manchas das unhas. Para conservar impermeáveis; — Um cabide útil; — Para unir móveis; — Para polir talheres; — Contra o cansaço; — Um bom conselho; — Para o "melhor amigo"; — Ajude ao seu médico; — Jôgo americano.

★

Além dêsses, há mil outros assuntos no **"ALMANAQUE EU SEI TUDO"** para 1952, à venda em tôda parte.

Cia. Editora Americana. — Maranguape, 15. — Rio.

PAUSA PARA *Meditação*



VERA ELLEN (Metro)

NO AR

UM DIA A CASA CAI...

ÍRIS ALOMAI

POR tôda parte encontramos elementos que nos cercam e nos procuram com a única finalidade de nos incomodar. Êsses vizinhos expontâneos, infelizes criadores de piadas sem graça, apartes inoportunos, tiradas simplesmente desastradas, que esvoaçam em nossa volta num doce e inocente propósito de aumentar o número de aborrecimentos que atormentam a vida de qualquer cidadão pacato, são também freqüentadores assíduos dos auditórios das emissoras de nossa capital. Sua atuação não se limita apenas em aborrecer os vizinhos, nem no complexo de exibicionismo em alto grau que os atormenta. Não. Sua especialidade vai muito além, atingindo, por vêzes, distâncias incalculáveis. Êstes, porém, não são os mais infelizes. Refiro-me, agora, àqueles cuja responsabilidade diante do público cresce assustadoramente, à medida que a sua visão diminui e a sua personalidade se anula e se apaga. Falo dos locutores e animadores irresponsáveis, daqueles que lidam com as massas e se enchem de vaidades vãs através da popularidade que desfrutam, adquirida com honestidade e mantida sem brio nem sensatez. Falo daqueles que, do alto de um pedestal, perdem a compostura e a moral na ilusão de que se tornarão eternos. Cuidado, amigos, pois, por mais forte que ela seja, "um dia a casa cai"! ..

★

Esperamos que a Associação Brasileira de Locutores e a A.B.R., unidas pelo mesmo esfôrço e ideais, dirijam as suas atenções para êsses elementos, no sentido de que se coloque um ponto final nessas irreverências para com o público. Acredito que deve haver restrições na forma de se falar aos que nos ouvem... O rádio, com o seu grande poder de penetração, repetimos, alcança à tôdas as criaturas, indistintamente, sendo portanto o causador das boas ou das más impressões que cria. A "gente de rádio", conforme são denominados por muitos os que nêle atuam, deve fazer tudo para que seja acatada e respeitada por aquêles que lhes dispensam grande parte de seu tempo. Não custa nada ser bem educado... Afinal de contas, lucram ambas as partes, quando nos apresentamos bem e conseguimos impressionar pelo que somos...



A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL




21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. Cr$ **95,00**

15.862 - Caixa inteiramente cromada, bôa máquina sistema Roskopf, mostradores variados; pulseira plástica. Oferta especial. Cr$ **83,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ **158,00**

48.362 - Calendário! Indica hora e dia! Caixa esportiva, cromada, c/ fundo fôsco, máquina suiça, sistema Roskopf, mostrador claro; pulseira elástica, de aço inoxidável. Oferta vantajosissima. Cr$ **248,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ **378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis; ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ **195,00**

56.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **138,00**

55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ **398,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

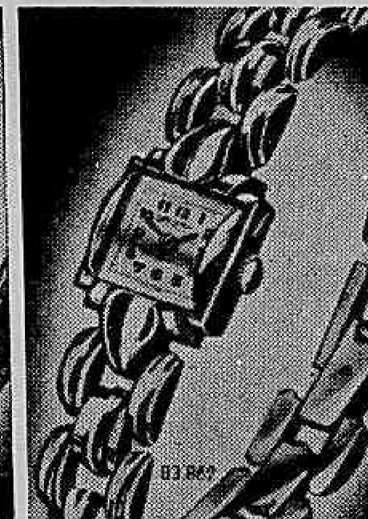
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

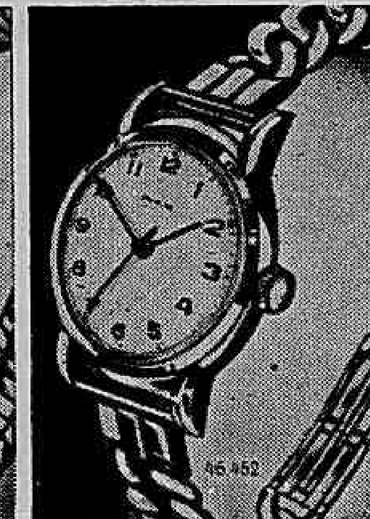
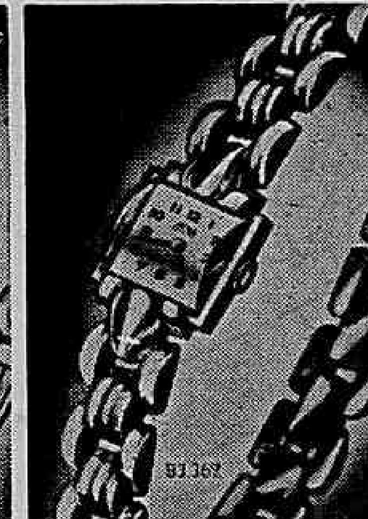
46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima. Cr$ **438,00**










51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial. Cr$ **438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finissima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. Cr$ **890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. Cr$ **218,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante, mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial. Cr$ **255,00**

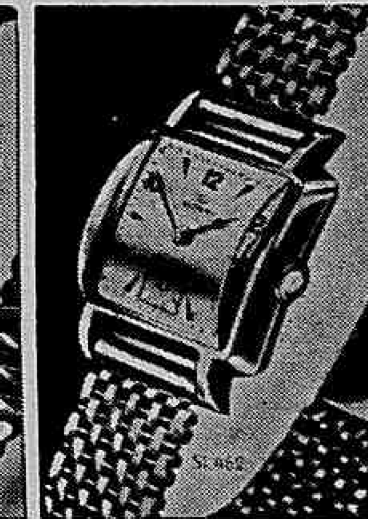
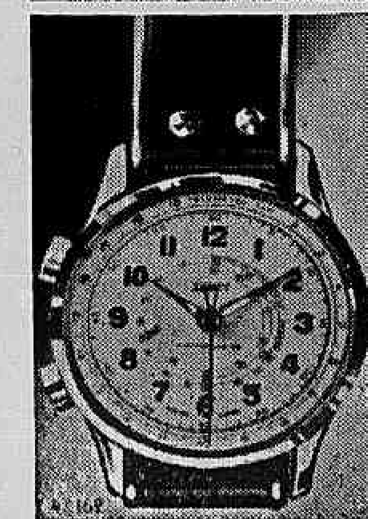
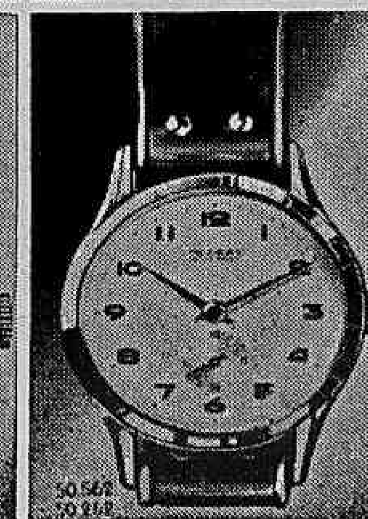
50.262 - Mesmo modêlo, com caixa folheada a ouro, fundo de aço inox. Cr$ **298,00**

51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados; c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. Cr$ **628,00**

51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos; bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ **375,00**

12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso. Cr$ **250,00**




ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______

ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS BIJOUTERIAS - JOIAS - ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

ATENÇÃO LEITORES



COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr$ 25,00
EM TODO O BRASIL

Vão se preparando para receber a nova edição do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1952.

O "Almanaque", com mais de trezentas páginas ilustradas, é um manancial magnífico de leituras e informações.

A ESTRÊLA DA MANHÃ é o título da grande novela completa que o "Almanaque" publicará. E' uma história empolgante sob todos os aspectos.

Muitos contos de amor e aventura completam a parte literária da tradicional publicação.

Artigos, notas históricas e científicas, ao alcance de qualquer leitor, fazem do "Almanaque" uma verdadeira enciclopédia das massas. Leia um livro rico por um preço popular.

Estará a venda, nos primeiros dias de dezembro, em todos os pontos de revistas do território nacional.

Reserve desde já o seu livro de cabeceira durante o novo ano que se aproxima. O "Almanaque", o livro dos mil assuntos, sairá, desta vez, melhor e mais completo do que nas edições anteriores.

Uma síntese do ano que finda e uma antevisão do ano que começa.

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1952, à venda em DEZEMBRO.